ressano
garcia
arquitectos



5 607727 080626 00073

Ano *Year* XXI
Trimestral *Quarterly*
Portugal continental €12

ArchiNews 74

www.archinews.pt

Arquitetura, Urbanismo,
Interiores e Design
Architecture, Urbanism,
Interiors and Design

RESSANO GARCIA ARQUITECTOS

Projetos *Projects*



RESSANO GARCIA ARQUITECTOS: Perfil
RESSANO GARCIA ARQUITECTOS: *Profile*



Foto *Photo*: Ressano Garcia Arquitectos

Com sede em Lisboa, o atelier Ressano Garcia Arquitectos desenvolve uma prática que articula de forma consistente a reflexão teórica com a experimentação prática, aplicadas tanto à arquitetura como ao desenho urbano.

A abordagem do atelier assenta numa leitura atenta do contexto físico, cultural e social, procurando que cada projeto responda de forma específica às particularidades do lugar onde se insere, valorizando o carácter sem recorrer a soluções padronizadas.

O trabalho do atelier distingue-se por uma forte componente conceptual, aliada a um rigor técnico e construtivo. Ao longo do seu percurso, os seus projetos têm sido amplamente divulgados em livros e revistas especializadas, bem como apresentados em encontros académicos, exposições e fóruns internacionais, contribuindo para o debate contemporâneo sobre a prática arquitetónica.

O reconhecimento do seu trabalho reflete-se ainda na atribuição de diversos prémios nacionais e internacionais, consolidando a posição do atelier no panorama da arquitectura portuguesa e reforçando a sua relevância num contexto global.

Based in Lisbon, Ressano Garcia Arquitectos develops a practice that consistently articulates theoretical reflection with practical experimentation, applied to both architecture and urban design.

The studio's approach is grounded in a careful reading of the physical, cultural, and social context, seeking to ensure that each project responds specifically to the particularities of its site, valuing character without resorting to standardized solutions.

The studio's work is distinguished by a strong conceptual component, combined with technical and constructive rigor. Throughout its trajectory, its projects have been widely published in books and specialized magazines, as well as presented at academic conferences, exhibitions, and international forums, contributing to the contemporary debate on architectural practice.

Recognition of its work is also reflected in the receipt of several national and international awards, consolidating the studio's position within the Portuguese architectural landscape and reinforcing its relevance in a global context.

Entrevista *Interview*

PEDRO RESSANO GARCIA

João Carlos Fonseca (Texto *Text*)
Ressano Garcia Arquitectos (Fotografia *Photography*)



Viveu em seis países: três na Europa e outros tantos nas Américas. Tem percorrido o mundo, rasgando horizontes, em viagens que perdeu a conta, dividindo o tempo entre a investigação, o ensino e a prática da arquitetura.
No "Saber Olhar e Avaliar", Sophia de Mello Breyner afirmava existirem três categorias de edifícios: os mudos, alguns que sussurram e outros capazes de cantar...
Em "Ver Melhor, Escutar Melhor", as palavras sábias de José Tolentino Mendonça salientam "o habitar poeticamente o mundo", o poder do saber olhar, o valor da contemplação, tão intensos na obra de Pedro Ressano Garcia, e muito presentes no eremitério de Vila do Conde ou em A Voz do Mar...
Por isso, na produção do Pedro não há nenhum segredo... E para que os seus edifícios "cantem" ou, no mínimo, "sussurem", basta ativar os sentidos do corpo através da luz íntima e da temperatura exata dos materiais, tornar os espaços experiências intensas, com aromas sensuais e texturas sensíveis, criar habitats que detenham o tesouro da vida humana.

He has lived in six countries: three in Europe and three in the Americas. He has traveled the world, broadening his horizons on countless trips, dividing his time between research, teaching, and the practice of architecture.
In "Knowing How to Look and Evaluate," Sophia de Mello Breyner stated that there are three categories of buildings: the silent ones, some that whisper, and others that sing...
In "See Better, Listen Better", José Tolentino Mendonça's wise words emphasise "poetically inhabiting the world", the power of knowing how to look, the value of contemplation, so intense in the work of Pedro Ressano Garcia, and very present in the hermitage of Vila do Conde or in A Voz do Mar...
Therefore, in Pedro's work there are no secrets... And for his buildings to "sing" or, at the very least, "whisper," all he needs to do is activate the body's senses through intimate light and the precise temperature of the materials, turning spaces into intense experiences with sensual aromas and sensitive textures, creating habitats that hold the treasure of human life.

ARCHI – Quais são as suas primeiras memórias relacionadas com a arquitetura? Quais foram as primeiras grandes influências?

PEDRO RESSANO GARCIA – Ainda há pouco tempo recebi um desenho que a minha mãe guardou e que fiz com sete anos de idade. Era sobre uma cidade onde cada edifício era diferente. Uns, tinham escadas em espiral, que andavam à volta do edifício, outros, tinham janelas, ordenadas e outros desordenadas. Desenhei zonas de circulação e de permanência, espaços públicos... Tem água, rios, árvores, pátios e várias componentes de quem olha para o território. Vi o desenho e fiquei perplexo! Como é que tão miúdo já tinha tudo aquilo na cabeça!...

ARCHI - Essa deve ser uma de muitas manifestações de uma vocação latente...

PRG - Eu tive uma boa formação, que incluiu uma componente artística, o que me permitiu ter uma certa facilidade em lidar com a abstração... Acho que tive sorte!

ARCHI – Viveu na Bélgica e cresceu no Brasil...

PRG – Eu sinto que faço parte de uma longa tradição nacional e de um número elevado de portugueses que viveram em muitos sítios. Eu vivi em seis países. Três na Europa e outros tantos nas Américas do Norte e do Sul. O estar aqui e saber o que se passa além, moldou a minha perceção das coisas.

Quando tinha apenas nove anos de idade ouvi falar de alterações climáticas. Tive um professor que nos falou do degelo e de que iriam ocorrer fenómenos climáticos extremos. Eu estava na escola primária, mas no hemisfério Sul. Já lá vão cinquenta anos! Nessa altura, vivia no Brasil onde circulava uma consciência mais informada.

ARCHI – Passa pela Universitat Politècnica de Catalunya, Espanha...

PRG – Recebi uma bolsa Erasmus, quando cheguei ninguém sabia o que estava lá a fazer, fui inaugurar o programa Erasmus e perguntavam-se o que era isso?!... Eu já conhecia Itália, mas tinha a perceção de que teria mais interesse – do ponto de vista da arquitetura – viver na Catalunha. Era uma intuição. A Escola de Barcelona era muito boa, exigente e cosmopolita. Naquele ano apareceu a Zaha Hadid, Peter Cook, Philippe Starck, Frank Ghery, Rafael Moneo... Era estimulante mas, eu sempre me achei um aluno médio, tanto na faculdade do Porto como em Lisboa.

ARCHI – What are your earliest memories related to architecture? What were your first major influences?

PEDRO RESSANO GARCIA – *Not long ago, I got a drawing that my mother kept for years made when I was seven years old. It was about a city where each building had its own character. Some had spiral staircases that went around the building, others had windows, some orderly and others disorderly. I drew areas for circulation and for staying, public spaces... There is water, rivers, trees, courtyards, and various topics that shape the territory. I saw the drawing and was amazed! How could such a young child have all that in his mind!...*

ARCHI – That must be one of many manifestations of a early vocation...

PRG – *I had a good education, which included an artistic awareness, which allowed me to have a certain ease in dealing with abstraction... I think I was lucky!*

ARCHI – You lived in Belgium and grew up in Brazil...

PRG – *I feel that I am part of a long tradition of Portuguese people who lived in various places. I have lived in six countries. Three in Europe and three in North and South America. Being here and knowing what is going on elsewhere has shaped my perception of things.*

When I was only nine years old, I heard about climate change. I had a teacher who told us about the melting ice and that extreme weather events would occur. I was in elementary school, but in the southern hemisphere. That was fifty years ago! At the time, I was living in Brazil, where there was a sharp awareness.

ARCHI – You went to the Universitat Politècnica de Catalunya, Spain...

PRG – *Yes, due to an Erasmus scholarship. When I got the school, no one knew what I was doing there. I was a pioneer of the Erasmus program, and they wondered what it was! I already knew Italy, but I had the feeling that it would be more interesting – from an architectural point of view – to live in Catalonia. It was intuition. The school in Barcelona was very good, demanding, and cosmopolitan. That year, Zaha Hadid, Peter Cook, Philippe Starck, Frank Gehry, and Rafael Moneo appeared... It was a stimulating environment, but I always considered myself an average student, both at the university in Porto and in Lisbon.*

ARCHI – Por força das notas?

PRG – Porque os professores me viam assim... Em Barcelona fui aluno do Eduard Bru, e também do Enric Miralles. Conheci-o e frequentei o seu atelier. Como éramos poucos alunos estrangeiros, os professores recebiam-nos nos seus gabinetes e alguns até em suas casas. Recordo-me de ter ido ao Cemitério da Igualada com o Enric, conhecer um projeto extraordinário que tinha desenhado com a Carmen Pinós. Barcelona acabava por ser um ambiente onde as pessoas se conheciam.

ARCHI – Segue-se o mestrado em Arquitetura na Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos...

PRG – Quando quis ir para os Estados Unidos pedi ao Bru uma carta de recomendação. Aí percebi o quanto ele tinha gostado de mim. Fez-me uma carta espantosa. Também recebi uma do Raul Hestnes Ferreira, com quem trabalhei e que escreveu uma carta fundamental para ter a Bolsa da Gulbenkian. De uma forma como só ele sabia dizer, afirmou que não era tanto eu que ia beneficiar de uma experiência na Universidade da Califórnia, mas era a faculdade que ia beneficiar da minha presença. A bolsa proporcionou uma grande viragem na minha vida, foi extraordinário! Trouxe-me sustentabilidade financeira num mundo completamente diferente. E, no final do mestrado fui convidado para assistente no Departamento de Arquitetura no College of Environmental Design, Berkeley, onde as questões ambientais eram prioritárias.

ARCHI – Estamos perante um homem de muitas viagens... Professor, desde 1997, em muitos países: Estados Unidos, Bélgica, Itália, Turquia, Países Baixos, Canadá, Israel, Polónia, Austrália, Alemanha, China, Portugal...

PRG – Sim, mas antes de viajar intensamente conheci alguns arquitetos em Portugal, que foram meus mestres. Uma vez, o Jorge Figueira disse-me que tinha constatado que eu era muito próximo de três: Manuel Vicente, Raul Hestnes Ferreira e Pancho Guedes. É certo que sim. Foram acasos. Curiosamente, todos eles um pouco estrangeirados. Todos eles excelentes. Ajudaram-me a crescer. Depois da bolsa da Gulbenkian tive financiamentos da FCT, Erasmus, Leonardo e o último

ARCHI – Because of your grades?

PRG – *Because that's how the teachers saw me... In Barcelona, I was a student of Eduard Bru and also of Enric Miralles. I met them and attended their studio. As there were few foreign students, the teachers welcomed us into their offices and some even in their homes. I remember going to the Igualada Cemetery with Enric to see an extraordinary project he had designed with Carmen Pinós. Barcelona turned out to be an environment where people knew each other.*

ARCHI – Then came your master's degree in Architecture at the University of California in the United States...

PRG – *When I wanted to go to the United States, I asked Bru for a letter of recommendation. That's when I realized how much he liked me. He wrote me an amazing letter. I also received one from Raul Hestnes Ferreira, with whom I worked and who wrote a letter that was fundamental for me to get the Gulbenkian Grant. In a way that only he knew how to express, he stated that it wasn't so much me who would benefit from an experience at the University of California, but rather the school that would benefit from my presence. The full grant was a major turning point in my life, it was extraordinary! It brought me financial stability in a completely different world. And at the end of my master's degree, I was invited to be Teaching-Assistant in the Department of Architecture, College of Environmental Design, at Berkeley, where environmental issues were a priority.*

ARCHI – We are talking to a man who has traveled extensively... Professor, since 1997, in many countries: the United States, Belgium, Italy, Turkey, the Netherlands, Canada, Israel, Poland, Australia, Germany, China, Portugal...

PRG – *Yes, but before traveling extensively, I met some architects in Portugal who were my mentors. Once, Jorge Figueira told me that he had noticed that I was very close to three of them: Manuel Vicente, Raul Hestnes Ferreira, and Pancho Guedes. That's true. It was by chance. Curiously, all of them also lived abroad. All of them were excellent. They helped me grow. After the Gulbenkian scholarship, I received more funds from FCT, Erasmus, Leonardo, and the last one was the biggest of all, a Marie Curie grant awarded by the European*

foi o maior de todos, um Marie Curie atribuído pela Agência de Investigação Europeia que apoia a excelência da investigação.

ARCHI – Há em si uma vontade notória de ensinar e de transmitir o conhecimento. A Universidade de Berkeley constituiu um grande incentivo...

PRG – Em Berkeley, os professores transmitiam a importância de sermos excelentes, não apenas procurar ter sucesso, mas superar e alcançar a excelência. Comecei a dar aulas no mestrado em arquitetura quando tinha a mesma idade dos alunos. No final do ano, a coordenadora da cadeira de Projeto, Susan U. chama-me ao seu gabinete, mostra-me as avaliações que os alunos tinham feito e insiste comigo: «*o Pedro não pode parar de ensinar...*» Eu não lhe pedi uma carta de recomendação, mas ela já a tinha redigido, pois conhecia a minha intenção de regressar a Portugal. A carta deixou-me emocionado, tanto que nem a consegui ler na íntegra. Era espantosa! Ficámos amigos até hoje. Esse momento foi também determinante. Achei interessante ter uma experiência de ensino, e senti-a como uma prioridade naquele momento. Eu era aprendiz e queria aprender. Ela deixou-me claro que eu devia continuar a ensinar e que não podia fugir da minha vocação, que podia aprender ensinando. Houve, depois, um outro momento muito importante, em que ela e outros professores vieram a Portugal, um deles, cujo atelier tinha grande notoriedade nos E.U.A., diz-me assim: «*só há uma maneira sã de estar na universidade, que é ter nela um pé e dois fora...*» Mas estou a adiantar-me, foi em Berkeley que o Stanley Saitowitz me disse para procurar o Pancho Guedes, seu mestre e residente em Portugal.

ARCHI – Stanley Saitowitz marca-lhe o rumo à distância...

PRG – Ele era na altura o arquiteto mais carismático na região de São Francisco e com o trabalho mais interessante. Quando telefonei ao Pancho, dizendo-lhe que o Stanley o tinha referenciado, ele pede-me para lhe enviar por correio a minha tese de mestrado. E é às oito da manhã que me telefona, para dizer: «*recebi agora mesmo a sua tese e vai ser meu assistente na faculdade.*» Embora ainda nunca nos tivéssemos encontrado, fui contratado de imediato, por telefone.

Research Agency, which supports excellence in research.

ARCHI – You have a clear desire to teach and pass on your knowledge. The University of Berkeley was a great incentive...

PRG – *At Berkeley, the professors taught us the importance of being excellent, not just striving for success, but surpassing it to achieve excellency. I started teaching in the master's program in architecture when I was the same age as the students. At the end of the year, the coordinator of the Design course, Susan Ubbelohde, called me into her office, showed me the students' evaluations, and insisted: «*Pedro you cannot stop teaching*...» I did not ask for a letter of recommendation, but she had already written one, as she knew I intended to return to Portugal. The letter moved me so much that I couldn't finish reading it, I was in tears. We have remained friends to this day. That moment was also decisive. I enjoyed the teaching experience, but I felt it was a not a priority at that moment. I was an apprentice eager to learn. She made it clear to me that I should continue teaching and that I couldn't run away from my vocation, that I could learn by teaching. There was another very important moment when she and other teachers came to Portugal. One of them, whose studio was very well known in the US, said to me: «*There is only one healthy way to be at university, which is to have one foot in and two feet out*...» But I'm getting ahead of myself. It was at Berkeley that Stanley Saitowitz told me to look for Pancho Guedes, his master, who lived in Portugal.*

ARCHI – Stanley Saitowitz sets your course from afar...

PRG – *At the time, he was the most charismatic architect in the San Francisco and had the most interesting workin the Bay Area. When I called Pancho to tell him that Stanley had recommended him, he asked me to mail my master's thesis to his address. And at eight in the morning, he called me to say, «*I just received your thesis, and you're going to be my assistant at the university.*» Although we had never met, I was hired immediately, over the phone.*

ARCHI – We are talking about the master's thesis "Reuse of Port Cranes" (1996)...

PRG – *Yes, after presenting it at the university, I delivered the models to the Oakland Museum to be included in the exhibition Along the Waterfront. The master's degree*

«Há uma coisa muito boa na cultura portuguesa, que se manifesta numa dose equilibrada entre o Rigor e a Criatividade. Isso torna o ambiente particularmente estimulante (...) Depois, há um aspeto que é menos interessante em Portugal: um défice de civismo...»

«There is something very good about Portuguese culture, a good balance between Rigor and Creativity. This makes the environment particularly stimulating. (...) Then there is that the other side which is less interesting in Portugal: a lack of civility...»

ARCHI – Estamos a falar da tese de mestrado "Reutilização de Gruas Portuárias" (1996)...

PRG – Sim, que depois de apresentar na faculdade, fui entregar as maquetas ao museu de Oakland para integrar a exposição Along the Waterfront. O mestrado foi a minha inspiração para a tese de doutoramento – "Life and Death of Lisbon Waterfront" (2008) – que me abre as portas para muitos convites em diferentes países nos vários continentes permitindo-me viajar e conhecer gente muito interessante. É nesta altura que começo a viajar com muita frequência a convite de especialistas noutros países, para fazer apresentações, integrar júris, ensinar e expor.

ARCHI – «Divide o tempo entre a investigação, o ensino e a prática da arquitetura. A pesquisa alimenta a prática, o ensino inspira ambos, e a sua produção é influenciada pelos três...»

PRG – Essa frase era usada pela Escola de Arquitetura da Universidade Laval, no Quebeque, Canadá, onde fui professor agregado durante alguns anos. As três dimensões são para mim muito claras. E a maior parte dos nossos clientes valorizam esta abordagem. Pedem algo melhor que ultrapasse o estritamente comercial. Esperam que o seu investimento traga algum valor acrescentado à sociedade. Pode-se pensar que estando a ecologia na ordem do dia ela traga maiores lucros. Se for esta a nossa mais-valia, então que seja. Isso é muito bom.

Aqui, no atelier, tivemos dois momentos extraordinários. O primeiro aconteceu há cerca de 15 anos, com a encomenda de um aldeamento turístico, a Herdade da Boavista, que tinha como objetivo a emissão zero de CO_2. Um cliente genial.

was my inspiration for my doctoral thesis – "Life and Death of Lisbon Waterfront" (2008) – which opened the door to many invitations in different countries, allowing me to travel across the five continents and meet very interesting people. It was at this point that I began to travel frequently invitated by experts, by colleagues to give presentations in their countries, serve on juries, teach, and exhibit.

ARCHI – "Divide your time between research, teaching, and the practice of architecture. Research feeds practice, teaching inspires both, and your work is influenced by all three..."

PRG – *This statement was used by the School of Architecture at Laval University in Quebec, Canada, where I was tenure professor for several years. The three dimensions are very clear to me. And most of our clients value this approach. They ask for something that goes beyond the strictly commercial. Ecology is in their agenda they expect their investment to reach higher value, to reach greater profits, better clients. If our design brings an added value, then so be it. That's very good.*

Here, in the studio, we had two extraordinary moments. The first happened about 15 years ago, with the commission for a tourist village, Herdade da Boavista, which aimed for zero CO_2 emissions. A brilliant client. The project was overseen by an environmental engineer from day one, Inês Ayres. The second important moment took place nine years ago, when we were short listed for the second stage of an international competition in Taiwan, with a unique program: the construction of an ecological power plant. It was the first country in the world to launch a

O projeto foi acompanhado por uma engenheira do ambiente desde o primeiro dia, a Inês Ayres. O segundo momento determinante deu-se há nove anos, com a passagem à segunda fase de um concurso internacional em Taiwan, com um programa único, a construção de uma central elétrica ecológica. Foi o primeiro país do mundo a lançar um concurso deste tipo. Fizemos parte dos finalistas e recebemos a Menção Honrosa. Foi uma oportunidade para trabalhar durante cinco meses, desenvolver um projeto inovador e explorar soluções de futuro. Nos últimos anos têm surgido cada vez mais clientes que nos pedem uma abordagem ecológica.

ARCHI – Foi uma oportunidade fantástica! Presumo que tenha envolvido a participação de outras equipas e especialidades...

PRG – Sim, estabeleci uma ligação em Taipé com o maior gabinete de consultores do país. Nós éramos o único atelier europeu na final. O concurso tornou-se mediático por ser tão inovador. A apresentação da proposta em Taipé, no auditório Chiang Kai-shek, foi desafiante. No palco estava sozinho, via a multidão, os jornalistas e o júri por trás das luzes fortes... Era eu e o entusiasmo de partilhar o projeto.

ARCHI – A concorrência era muito forte?

PRG – Éramos cinco equipas. Cada uma tinha uma vasta produção de painéis, maquetas e vídeos. Ganham os norte-americanos Morphosis. Reuniram-nos a todos numa sala, durante várias horas, conversámos uns com os outros, trocámos ideias. Havia apenas um equipa de Taiwan, que para mim apresentou a melhor proposta. Havia também um gabinete sul-coreano e um consórcio de Harvard. Eu soube que estávamos entre os finalistas num domingo de manhã, através de um telefonema da Austrália, da Cláudia Taborda, que me informa que os seus amigos em Harvard estavam animados por terem passado à segunda fase, dizendo também que tinha passado uma equipa portuguesa, do atelier Ressano Garcia... «*Como é que tu ainda não sabes?!*», perguntou-me ela. «*Cláudia, é domingo e tu estás noutro fuso horário!*», respondi-lhe. Foi muito engraçado!

ARCHI – Foi um concurso fechado.

PRG – Sim, e com duas fases. Como os concursos que Alvar Aalto ganha, quando começa a sua carreira, iniciavam-se com uma ideia. Se fosse boa passava à segunda fase, para ser desenvolvida. E o convite ficava reduzido a cinco propostas. Hoje, os concursos em Portugal, por um conjunto de circunstâncias, apresentam cadernos de encargos detalhados, que constituem uma verdadeira sangria para a maioria dos ateliês.

ARCHI – O que de mais significativo separa o ensino em Portugal de outras realidades internacionais, que tão bem conhece? Desde a experiência da Université Laval à University of California...

PRG – Há uma coisa muito boa na cultura portuguesa, que se manifesta numa dose equilibrada entre Rigor e Criatividade. Isso torna o ambiente particularmente estimulante. Há países onde se é muito rigoroso, mas pouco criativo e vice-versa. Depois, há um aspeto que é menos interessante em Portugal: um défice de civismo. Posso dizer que nunca nenhum aluno de projeto, em Laval, me faltou a uma aula sem ter o cuidado de me enviar uma breve explicação, por e-mail ou uma nota a explicar o motivo. Em Berkeley era igual. Há um compromisso, assente numa boa formação cívica que cria um ambiente mais envolvente, feito de empenho e entrega. E quanto mais os alunos nos dão, mais nós, professores, lhes damos. Entramos num círculo virtuoso. Sou apologista de ambientes descontraídos e de profunda dedicação. Costumo dizer que todos devemos dormir bem e andar satisfeitos, porque uma cabeça bem descansada e satisfeita é uma esponja, absorve tudo, desfruta e pensa melhor.

ARCHI – Apesar de tudo, a "matéria-prima" que as nossas escolas lançam para o mercado é internacionalmente muito valorizada...

PRG – A arquitetura "made in Portugal" é uma marca de enorme projeção internacional. Há pessoas em Portugal que têm essa perceção e outras que ainda não a têm. Por outro lado, atualmente em cada turma encontramos alunos que vêm de diferentes países. Há um ambiente que extravasa o ambiente cultural local. Procuro lançar trabalhos onde os estudantes possam explorar a sua Criatividade e executar com Rigor. Ambos são necessários, na dose certa, assim como as pessoas

competition of this type. We were among the finalists and received an Honorable Mention for our design proposal. It was an opportunity to work for five months, develop an innovative project, and explore solutions for the future. In recent years, more and more clients have been asking us for an eco-friendly approach.

ARCHI – It was a fantastic opportunity! I assume that other teams and specialists were involved...

PRG – *Yes, I established a connection in Taipei with the largest consulting firm in the country. We were the only European studio in the final. The competition attracted media attention because it was so innovative. Presenting the proposal in Taipei, at the Chiang Kai-shek Auditorium, was challenging. I was alone on stage, looking out at the crowd, the journalists and the jury behind the bright lights... It was just me and my enthusiasm for sharing the project.*

ARCHI – Was the competition very strong?

PRG – *There were five excellent teams in the short list. Each presented a vast production of panels, models and videos. The American firm Morphosis won the first prize. The host gathered us all in a room for several hours, we had the chance to talk to each other, exchanged ideas. There was only one team from Taiwan, which I thought presented the best proposal. There was also a South Korean office and a consortium from Harvard. I found out we were among the finalists on a Sunday morning, through a phone call from Australia from Cláudia Taborda, who informed me that her friends at Harvard were excited to have made it to the second phase, also saying that a Portuguese team from the Ressano Garcia studio had made it through... «*How come you don't know yet?!*» she asked me. «*Cláudia, it's Sunday and you're in a different time zone!*» I replied. It was very funny!*

ARCHI – It was a closed competition.

PRG – *Yes, and it had two stages. Like the competitions that Alvar Aalto won when he started his career, it began with an idea. If it was good, it went on to the second stage, to be developed. And the invitation was reduced to five proposals. Today, due to a set of circumstances, competitions in Portugal have detailed specifications, which are a real drain on most studios.*

ARCHI – What is the most significant difference between teaching in Portugal and other international contexts that you know so well? From your experience at Université Laval to the University of California...

PRG – *There is something very good about Portuguese culture, a good balance between Rigor and Creativity. This makes the environment particularly stimulating. There are countries where designers tend to be very rigorous but not very creative, and vice versa. Then there is that the other side which is less interesting in Portugal: a lack of civility. I can say that no design student at Laval ever missed a class without sending a brief explanation, either by email or in a note explaining the reason. It was the same at Berkeley. There is a commitment, grounded strong civic values, which creates a more engaging environment, shaped by commitment and dedication. And the more the students give us, the more we, as teachers, give them. A virtuous circle is settled. I believe in relaxed environments combined with deep dedication. I often say that we should all sleep well and walk around feeling good, because a well-rested and satisfied mind is like a sponge: it absorbs everything, enjoys more and thinks better.*

ARCHI – Despite everything, the 'raw material' that our schools put on the market is highly valued internationally...

PRG – *The brand Architecture 'made in Portugal' has enormous international projection. Some people in Portugal are aware of that while others still do not have thar perception, yet. On the other hand, currently in each class we find students who come from different countries. There is an atmosphere that goes beyond the local cultural environment. I try to launch projects where students can explore their creativity and execute with rigor. Both are necessary, in the right measure, with a good balance, just as people walk with both feet; if they walk with only one foot, they move with a limp. They don't stop walking, but they walk limping... I prefer a way of moving forward where one foot, freedom and, boldness in creation, alternates with the other foot which refines, regulates and makes it more rigorous. This way, the project develops robustly. There are cultural environments where the creative dimension is repressed, making it very difficult*

caminham com os dois pés, se andarem apenas com um pé, movem-se ao pé-coxinho. Não deixam de andar, mas andam coxinhas... Prefiro uma passada em que num pé, a liberdade, a ousadia, para criar, alterna com o outro pé que afina, regula e a torna mais rigorosa. Assim o projeto desenvolve-se robusto. Há ambientes culturais onde a dimensão criativa é reprimida, constatando-se uma grande dificuldade em fazer, em arriscar e libertar a criatividade.

Atualmente temos a inteligência artificial que é mais um instrumento útil ao nosso processo. O erro é alguém apaixonar-se apenas por um instrumento, por muito que seja competente. Nenhum instrumento isoladamente dá todas as respostas. É como uma mão, que tem cinco dedos. Desenvolver apenas um dedo é atrofiar os outros. É possível desenvolver um super dedo, mas sem os outros a mão não funciona bem.

ARCHI – O espírito, a forma de estar na vida e no exercício da profissão de Pancho Guedes, Raul Hestnes e Manuel Vicente, que são únicos, também fazem parte do seu processo de ser e de estar?...

PRG – São espíritos generosos. É algo que define o "mestre", e a razão porque os alunos gravitam à sua volta e florescem.

ARCHI – No saber olhar e avaliar, que remete para o fazer arquitetura, Sophia de Mello Breyner afirmava existirem três categorias de edifícios: os mudos, alguns que sussurram e outros capazes de cantar... O que é que separa os que sussuram daqueles que cantam?

PRG – Pois, porque os mudos não suscitam dúvidas!...

ARCHI – No seu livro "Obras Seleccionadas" dá uma resposta: "*São... projetos que ativam os sentidos do corpo através da luz íntima e da temperatura exata dos materiais, e os espaços tornam-se experiências intensas: aromas sensuais, texturas sensíveis e habitats que detêm o tesouro da vida humana...*"

PRG – Eu ainda sou um aprendiz, aliás, espero morrer a aprender. Nesta frase refiro a experiência intensa e o tesouro contido na arquitetura. Já tenho bastantes edifícios construídos, mas depende muito do cliente. Há projetos notáveis que são decapitados... Quando há uma boa simbiose entre autor e cliente ultrapassa-se o bom resultado, alcança-se outro nível e o projeto "sussurra", contendo subtilezas

to do, to take risks and to unleash creativity.

We now have artificial intelligence, which is another useful tool in our process. The mistake is for someone to fall in love with just one tool, however competent it may be. No single tool can provide all the answers. It is like a hand with five fingers. If you develop only one finger the others weaken. You might develop a super finger, but without the others, the hand will not work well.

ARCHI – The spirit, the way of life and professional practice of Pancho Guedes, Raul Hestnes and Manuel Vicente, which are unique, are also part of your process of being and living?

***PRG –** Such generous spirits. It is something that defines the 'master', and the reason why students gravitate around them and flourish.*

ARCHI – In knowing how to look and evaluate, which refers to architecture, Sophia de Mello Breyner stated that there are three categories of buildings: the silent ones, some that whisper and others that sing... What separates those that whisper from those that sing?

***PRG –** Well, because the silent ones raise no questions!...*

ARCHI – In your book 'Selected Works' you give an answer: 'They are... projects that activate the senses of the body through intimate light and the exact temperature of the materials, and the spaces become intense experiences: sensual aromas, sensitive textures and habitats that hold the treasure of human life...'

***PRG –** I am still an apprentice; in fact, I hope to die learning. Here, I am referring to the intense experience and treasure contained in architecture. I have already built quite a few buildings, but it depends a lot on the client. There are remarkable projects that are effectively decapitated... When there is a good symbiosis between author and client, the good result is surpassed, another level is reached and the project 'whispers', containing subtleties and delightful details. But when it 'sings', it is a moment of revelation and emotion. It provokes a transformative experience. When I lived in California, I visited Frank Lloyd Wright's works with my neighbour, a French architect – a smart guy... – and halfway through the visit, he turned to me and said he had goosebumps. Well, that´s inexplicable! It is something that*

RESSANO GARCIA ARQUITECTOS

«O erro é alguém apaixonar-se apenas por um instrumento, por muito que seja competente. Nenhum instrumento isoladamente dá todas as respostas. É como uma mão, que tem cinco dedos. Desenvolver apenas um dedo é atrofiar os outros...»

«The mistake is for someone to fall in love with just one tool, however competent it may be. No single tool can provide all the answers. It is like a hand with five fingers. If you develop only one finger the others weaken...»

e pormenores deliciosos. Mas, quando "canta" é um momento de revelação e de emoção. Provoca uma experiência transformadora. Quando vivi na Califórnia, visitei obras de Frank Lloyd Wright com o meu vizinho, um arquiteto, francês – alguém com muita piada... – e que a meio da visita, virava-se para mim e dizia ficar arrepiado, com pele de galinha. Ora, isto não se explica! É algo que nos emociona de tal maneira que mexe com o corpo. Esses são os edifícios que "cantam". A arquitetura é resultado de sensibilidade e inteligência. Posso emocionar-me com uma determinada obra de um arquiteto, mas não significa que adira à totalidade da sua obra. Uma pode "cantar" e a outra apenas "sussurrar", sendo do mesmo autor. Quando me perguntam se tenho um arquiteto preferido digo que não. Tenho, sim, algumas obras de preferência. E, para isso, temos de percorrer várias geografias. A arquitetura é eminentemente cultural.

ARCHI – Ela responde não só a uma comunidade como também a uma determinada realidade geográfica, a um contexto...

PRG – Sempre, e levei muitos anos a perceber. Em Abu Dhabi, num contexto onde não chove, desenvolvi um sistema inovador com os arquitetos da Câmara Municipal, que só faz sentido naquela realidade geográfica. Em 2021 tive um convite para integrar o júri nos prémios de excelência promovidos pela Ordem dos Arquitetos do Quebeque, e eu hesitei muito em aceitar. Questionava-me se teria o conhecimento aprofundado e a intimidade necessária que me permitisse estar num júri destes. Aceitei e aprendi muito. Dois anos depois convidaram-me para integrar outro júri, no concurso de ideias da frente ribeirinha da cidade

moves us in such a way that it affects our bodies. These are the buildings that 'sing'. Architecture is the result of sensitivity and intelligence. I can be moved by a particular work by an architect, but that does not mean that I agree with all of their work. One building may 'sing' and the other may only 'whisper', even though they are by the same author. When people ask me if I have a favourite architect, I say no. Yes, I do have some favourite works. And for that, we have to travel through various geographical areas. Architecture is eminently cultural.

ARCHI – It responds not only to a community but also to a specific geographical reality, a context...

***PRG –** Always, and it took me many years to realize this. In Abu Dhabi, in a context where it doesn't rain, I developed an innovative system with the architects of the City Hall, which only makes sense in that geographical reality. In 2021, I was invited to join the jury for the awards of excellence promoted by the Quebec Association of Architects, and I hesitated for a while before accepting. I wondered if I had the in-depth knowledge and intimacy necessary to be on such a jury. Finally, I have accepted and learned a lot. Two years later, I was invited to join another jury, in the competition for ideas for the waterfront of Quebec City, a huge project covering eight kilometers. In these situations, I prefer to start by listening to the opinions of local personalities, and in both Canadian competitions I found the way they did it very interesting. We spent two and a half days confined inside a room, with an inspiring and stunning view. They brought us food, coffee... and we dissected and evaluated everything. There is enormous respect for the teams who*

capital do Quebeque, um projeto enorme, de oito quilómetros. Nestas situações, prefiro começar por ouvir a opinião das personalidades locais, em ambos os casos achei muito interessante a maneira como o fizeram. Estivemos dois dias e meio confinados numa sala. Traziam-nos comida, café... e nós a dissecar e a avaliar tudo. Há um enorme respeito para com as equipas que dedicaram semanas e meses de trabalho. Aprecio muito essa postura de cuidado, de serviço e dou-me bem neste ambiente de respeito pelos autores.

ARCHI – Em relação ao processo criativo, há alguma fórmula ou método pessoal? É um ato estritamente individual? Como é trabalhado e resolvido?

PRG – Tudo é estimulado e despoletado pela encomenda. Não usamos um menu com soluções. Há um período de reflexão, de "digestão", de assimilação, que tem de se deixar fluir. E chegamos a um momento em que há uma certeza, uma visão, uma clarividência. Pode resultar de um esquiço, de uma pequena maqueta ou de uma ideia de tal maneira forte que serve de comando. Temos tido colaboradores excecionais que questionam, desafiam e ganham espaço, até pode ser um estagiário que coloca a solução em "cheque". É importante agitar, provocar, levantar questões. Trazer os mais jovens, com as "antenas no ar", ao processo criativo e dar-lhes espaço de intervenção é sempre muito enriquecedor.

ARCHI – Preocupa-se com a criação de uma linguagem e de uma gramática? A sua produção tem fios condutores?

PRG – Tenho um conjunto de preocupações muito sólidas, estruturantes, que atravessam todos os trabalhos. Mas, elas podem adquirir vários tipos de expressão. Acho interessante o contributo de outras leituras, pois aprendo com outros olhares. A escritora Marguerite Yourcenar dizia que estamos no meio de um triângulo. Um dos vértices é aquilo que achamos que somos. No outro, aquilo que queremos ser. E, no terceiro aquilo que somos para os outros ou a maneira como os outros nos vêm. Nós andamos ali no meio deste triângulo. Aprendo com a visão que os outros têm, que é geralmente pertinente. O fio condutor assenta na curiosidade e nos cruzamentos interdisciplinares. No atelier, temos pouco interesse por autores narcisistas, e gostamos de pessoas que abrem novos

dedicated weeks and months of work to this. I really appreciate this attitude of care and service, in this environment of respect for the authors.

ARCHI – Regarding the creative process, is there a personal formula or method? Is it a strictly individual act? How is it worked on and resolved?

PRG – *Everything is stimulated and triggered by the commission. We don't use a menu of solutions. There is a period of reflection, of 'digestion', of assimilation, which has to flow. And we reach a moment when there is a clear vision. It can result from a sketch, a small model or an idea, something powerful that drives the whole process. We have had exceptional collaborators who question and challenge our process even an intern can call a solution into question. It is important to stir things up, provoke and ask questions. Involving younger people, alert ans attentive, into the creative process and giving them space to intervene is always highly rewarding.*

ARCHI – Are you concerned with creating a language and grammar? Does your work have common threads?

PRG – *I have a set of very solid, structural concerns that run through all the projects. But they can take on various forms of expression. I value the input of other interpretations, because I learn from seeing things through different eyes. The writer Marguerite Yourcenar said that we are in the middle of a triangle. One of the vertices is what we think we are. The other is what we want to be. And the third is what we are to others or how they see us. We drift in the middle of this triangle. I learn from the views of others, it is usually relevant and fruitful. The line of though is based on curiosity and interdisciplinary intersections. In the studio, we have little interest in narcissistic authors, and we like people who open up new horizons. Also, whenever we can, we investigate the place, use local materials and seek to learn about vernacular solutions, particularly bioclimatic ones, into which we insert current technologies. We approach architecture as a system that brings together various parameters. We do not prioritize the image, but rather the coherent and cohesive development of the system. This approach allows us to build with stone, iron, wood, rammed earth, cork, reinforced concrete, and ceramics,*

horizontes. Também, sempre que podemos investigamos o lugar, utilizamos materiais locais e procuramos conhecer soluções ancestrais, nomeadamente bioclimáticas, onde inserimos tecnologias atuais. Nós abordamos a arquitetura como um sistema aglutinador de vários parâmetros. Não vivemos preocupados com a imagem, mas sim com o desenvolvimento coerente e coeso do sistema. Pois.. esta abordagem permite-nos construir em pedra, ferro, madeira, taipa, cortiça, betão armado, cerâmica, sempre de acordo com o sistema. Existe uma ditadura do gosto, mas nós preferimos manter um olhar aberto e valorizamos a curiosidade permanente. Por isso é que temos tido clientes e oportunidades diversificadas.

ARCHI – Daí que *"procuramos aquilo que ainda não sabemos... mais parâmetros para explorar novas soluções arquitetónicas e desafiar convenções... materiais de construção amigos do ambiente, baixo consumo de energia, vida inspirada no movimento slow..."*

PRG – Estamos interessados naquilo que ainda não sabemos. Há quem venha ter connosco e nos apresente materiais que vão revolucionar o mundo ou programas inovadores. Temos toda a abertura para os receber, mas há que colocar as questões pertinentes. Promovo no atelier a revisão crítica da contemporaneidade, que vai desde o que nos oferecem, aos estilos de vida. A este nível vivemos um período cheio de oportunidades e o prémio de excelência que nos foi atribuído pela Ordem dos Arquitetos do Algarve escolheu um edifício de baixo consumo energético, uma residência de artistas que se enquadra no movimento *slow.*

ARCHI – Há referências que tenham deixado em si uma marca tão importante que permaneçam ao longo da vida e da carreira?

PRG – Há os nomes já mencionados, e outros com quem trabalhei e colaborei. O que considero fascinante é que cada pessoa é um mundo. E verdadeiramente surpreendente é aprender a entrar nesse mundo e, de alguma forma, criar um ambiente em que damos a mão uns aos outros. O que é transformador, numa relação positiva, é essa predisposição, abertura, curiosidade e leveza. Fiz projetos com o Manuel Vicente, e no mestrado tive uma relação próxima com o Daniel Libeskind que voltei a encontrar num

always in accordance with the system. There is a dictatorship of taste, but we prefer to keep an open mind and value constant curiosity. That is why we have had such a diverse range of clients and opportunities.

ARCHI – That's why 'we look for what we don't yet know... more parameters to explore new architectural solutions and challenge conventions... environmentally friendly building materials, low energy consumption, a lifestyle inspired by the slow movement...'

PRG – *We are interested in what we do not know yet. Some people come to us presenting us materials they believe will revolutionize the world or innovative programmes. We are quite open to hearing them out, but the relevant questions must be asked. In the studio, I encourage a critical reflection on contemporary culture, from what is presented to us to the lifestyles we adopt. At this level, we are living in a period full of opportunities, and the Excellence Award given to us by the Algarve Architects' Association chose a low-energy building, an artists' residence that fits in with the slow movement.*

ARCHI – Are there any references that have left such an important mark on you that they remain throughout your life and career?

PRG – *There are the authors already mentioned, and others with whom I have worked and collaborated. What I find fascinating is that each person is a world of their own. And what is truly surprising is learning to enter that world and, in some way, create an environment in which we can extend a hand to one another. What become transformative when a in a positive relationship is positive in generative, is the shared disposition that emerges from it, openness, curiosity and a certain lightness. I did projects with Manuel Vicente, and during my master's degree I had a close relationship with Daniel Libeskind, whom I met again on a project in Serbia. The experience with Thom Mayne (Morphosis) also influenced my path. I built the project in Sagres with Pancho Guedes; I worked for Raul Hestnes Ferreira and later we taught together. I learned so much from each of them! I carry a thousand and one details with me. They were very different experiences, in a way complementary. Currently, I continue to meet fascinating people, younger people,*

projeto na Sérvia. A experiência com o Thom Mayne (Morphosis) teve influência no meu caminho. Fiz o projeto em Sagres com o Pancho Guedes; trabalhei para o Raul Hestnes Ferreira e mais tarde ensinámos juntos. Aprendi tanto com cada um deles! Carrego mil e um detalhes comigo. Foram experiências muito diferentes, de certa maneira complementares. Atualmente, continuo a conhecer pessoas fascinantes, mais jovens, colaboradores no atelier que me abrem horizontes.

ARCHI – Quais são os projetos que lhe deram mais prazer ou que mais gosta de destacar? Em "Ver Melhor, Escutar Melhor", as palavras sábias de José Tolentino Mendonça salientam "o habitar poeticamente o mundo", o poder do saber olhar, o valor da contemplação, tão intensos no eremitério de Vila do Conde e no "A Voz do Mar"...

PRG – O texto do Tolentino sobre dois dos nossos projetos de certa maneira influenciou uma apresentação baseada nos sentidos, que apresentei em vários países e que sustenta um grupo de projetos desta publicação. Inclui a Fundação Sain, onde os cegos sentem o "cheiro", do olfato, do sentir a luz no corpo, do sol... de quem não está a ver, mas sente intensamente a paisagem.

A apresentação inclui o sentido do paladar, na sala de provas de vinho, situado num edifício discreto, semienterrado, no cume de uma colina, que tem uma açoteia com uma vista que alcança dezenas de quilómetros. O desenho celebra o lugar da prova para saborear o vinho.

Temos um outro projeto, o Hammam, para o Francisco e a Tina que valoriza a pele e o toque. A escolha da pedra, os seus remates arredondados, e temperatura aquecida, remetem para o tacto. O corpo sem roupa, toca, reage à matéria, e sente o ambiente fecundo.

A visão remete para um edifício que acolhe uma peça do artista Lawrence Weiner. A Cristina Guerra, galerista, apresenta-nos o Lawrence W. em Portugal. Construímos um edifício envelope que dá a ver a sua peça e oferece uma experiência sensorial potente.

E para terminar a experiência da câmara sonora, "A Voz do Mar", a convite do Nuno Faria, na altura comissário-geral do programa, que nos indica Sagres.

collaborators in the studio who open up new horizons for me.

ARCHI – Which projects have given you the most pleasure or which do you most like to highlight? In "See Better, Listen Better", José Tolentino Mendonça's wise words emphasise "poetically inhabiting the world", the power of knowing how to look, the value of contemplation, so intense in the hermitage of Vila do Conde and in "A Voz do Mar"...

PRG – *Tolentino's text about two of our projects in a way influenced a presentation based on the senses, which I have given in several countries and which underpins a group of projects in this publication. It includes the Sain Foundation, where blind people experience the "smell" of olfaction, of feeling light on the body, and warmth of the sun... belong to someone who cannot see, but feel the landscape intensely.*

The presentation includes the sense of taste, in the wine tasting room, located in a discreet, semi-underground building on top of a hill, with a rooftop terrace offering views stretching for dozens of kilometers. The design celebrates the place where wine is tasted.

We have another project, Hammam, for Francisco and Tina, which values the skin and touch. The choice of stone, its rounded edges, and heated temperature refer to touch. The naked body touches the material, interacts and feels the fertile environment.

The vision refers to a building that houses an artwork by the artist Lawrence Weiner. Cristina Guerra, the gallerist, introduces us to Lawrence W. in Portugal. We built an envelope building that reveals his piece and offers a powerful sensory experience.

*And to finish off the sound chamber experience, 'A Voz do Mar' (The Voice of the Sea), by invitation of Nuno Faria, then general commissioner of the programme, who pointed us towards Sagres. Pancho and I went to the promontory without knowing what we were going to do. There we found a small hole in the ground that let air out and made a unique noise. We played and laughed as if we were five years old, and we had an idea. Years later, Pancho's son, curator of the exhibition at the CCB, Pedro Guedes wrote the following about this project: «*Pancho's latest project, in collaboration with Pedro Ressano Garcia. On the Sagres promontory... Pedro and Pancho built a labyrinth to capture and amplify

«A nossa geração é herdeira do betão, e de uma maneira de pensar o território que passa por betonar, impermeabilizar, fazer terraplenos, dominar a natureza. Aquilo que tem sido emergente no século XXI é outra maneira de lidar com o ambiente construído que procura negociar, alternar, deixar fluir, renaturalizar, dar lugar à porosidade...»

«Our generation is the heir to concrete and a way of thinking about the territory that involves concreting, waterproofing, embankments and dominating nature. What has been emerging in the 21st century is another way of dealing with the built environment that seeks to negotiate, alternate, let things flow, renaturalise and give way to porosity...»

Eu e o Pancho fomos ao promontório sem saber o que íamos fazer. No local encontramos um pequeno buraco no chão que deitava ar e fazia um ruído único. Ele era uma pessoa sem idade. Brincámos e rimos como se tivéssemos cinco anos e tivemos uma ideia. O seu filho, Pedro Guedes, curador da exposição no CCB, a propósito deste projeto escreveu o seguinte: "*O último projeto do Pancho, em colaboração com o Pedro Ressano Garcia. No promontório de Sagres... o Pedro e o Pancho construíram um labirinto para capturar e ampliar o rugido do mar.*" Concordo, penso que captou a essência do projeto.

O Pancho vinha muitas vezes aqui, ao atelier, e invariavelmente admirava uma maqueta, de um concurso para um auditório em Sarajevo. Uma arquitetura para acolher a música. Nós inspirámo-nos numa obra de Wassily Kandinsky, a composição VIII, feita a partir da música. Adaptamos a sua composição gráfica para arquitetura transformando uma referência 2D em 3D. E o Pancho, com quem tive um entendimento profundo e raro, exclamava: "*Isto do Pedro ter-se inspirado num quadro do Kandinsky para fazer um projeto de Arquitetura, merece mais atenção!...*"

ARCHI – Com as alterações climáticas, cada vez mais extremas, até onde podem levar a arquitetura e o urbanismo? Nas frentes ribeirinhas, o que a água tem vindo a conquistar é deveras preocupante... Como avalia o caso de Lisboa?

PRG – O centro da Área Metropolitana de Lisboa está localizado no Estuário do Tejo, a estratégia atual deve partir desta visão ou torna-se fragmentada e vulnerável. A nossa geração é herdeira do betão, e de uma maneira de pensar o território que passa por betonar, impermeabilizar, fazer terraplenos, dominar a natureza. Aquilo que

the roar of the sea.*» It is a sharp, I think he captured the essence of the project.*

Pancho often came here to the studio and every time admired a model for a competition for an auditorium in Sarajevo. An architecture to accommodate music. We were inspired by a work by Wassily Kandinsky, Composition VIII, made from music. We took the graphic composition adapted it architecture, transforming a 2D reference into 3D architectural proposal. And Pancho, with whom I had a deep and rare understanding, was fascinated by the concept that he would exclaim: «Pedro turning a Kandinsky painting into architecture!» *It shows how inspiration can come from many places: from a musical note, from a painting, or from countless other things. We have been fortunate to receive some very rare commissions – opportunities that allow us to explore this dimension in depth.*

ARCHI – With increasingly extreme climate change, how far can architecture and urban planning go? On riverfronts, what water has been conquering is truly worrying... How do you assess the case of Lisbon?

PRG – *The centre of the Lisbon Metropolitan Area is located on the Tagus Estuary, so the current strategy must be based on this vision or it will remain fragmented and vulnerable. Our generation is the heir to concrete and a way of thinking about the territory that involves concreting, waterproofing, embankments and dominating nature. What has been emerging in the 21st century is another way of dealing with the built environment that seeks to negotiate, alternate, let things flow, renaturalise and give way to porosity.*

The recently deceased Chinese architect Kongjian Yu, one of the driving forces

tem sido emergente no século XXI é outra maneira de lidar com o ambiente construído que procura negociar, alternar, deixar fluir, renaturalizar, dar lugar à porosidade.
O arquiteto chinês Kongjian Yu, recentemente falecido, um dos impulsionadores do conceito de "cidades-esponja", trouxe uma nova visão, abordagem e reflexão a que cedo tive acesso quando fiz um trabalho em Cantão e outro em Wuhan, na China. Esta abordagem, influenciada pela filosofia, confucionista despertou o meu interesse.
O que me surpreende, por vezes, em Lisboa, é conhecer técnicos e decisores ainda estacionados no século XX.
Numa recente apresentação que fiz, em França, questionaram-me no final da conferência quando avançava o projeto Plataforma Tejo, junto ao Cais da Rocha do Conde de Óbidos, em Lisboa. Este projeto aborda o território como um todo, numa abordagem de século XXI, exigindo que uma instituição como a Câmara Municipal de Lisboa se entenda com outras instituições, como são a CP - Comboios de Portugal e o Porto de Lisboa. Ora, esse diálogo entre instituições ainda está em construção. O projeto apresenta uma solução que do ponto de vista técnico é elementar e de baixo custo, mas que requer uma concertação entre poderes institucionais. É uma visão para o futuro, quando as instituições dialogarem e alcançarem outra maneira de se relacionarem, com o objetivo de beneficiar o bem comum.

ARCHI – As intervenções na frente ribeirinha constituem um processo que teve um momento decisivo: a Expo'98... Ele tem despoletado coisas boas e más. Mas, a verdade é que, a partir daí, o rio tem sido mais devolvido à cidade...

PRG – Recebo muitos estrangeiros e benefício desse olhar externo, que cruza outras referências. E, de facto, a Expo'98 é notável por uma série de razões. Uma delas é a generosidade dos seus espaços públicos, que resultaram na sua génese da necessidade de acolher multidões de visitantes durante o evento..

ARCHI – Recentemente, a relação com o rio flui de forma contínua do Parque das Nações até Vila Franca de Xira, num projeto ecológico, sustentável, de requalificação paisagística e ambiental, e de conservação da natureza, muito elogiado e premiado...

PRG – O projeto apresenta um desenho que reflete a atualidade e as oportunidades

behind the concept of 'sponge cities', brought a new vision, approach and reflection to which I soon had access when I did a job in Guangzhou and another in Wuhan, China. This approach, influenced by Confucian philosophy, aroused my interest.
What sometimes surprises me in Lisbon is meeting technicians and decision-makers who are still stuck in the 20th century.
In a recent presentation I gave in France, a Dutch researcher asked why the Tagus Platform project, next to the Cais da Rocha do Conde de Óbidos, in Lisbon, had never moved forward. I explained that the project proposes a 21st-century vision for the territory as a whole, which requires coordination between institutions such as Lisbon City Council, CP – Comboios de Portugal, and the Port of Lisbon. While the proposal is technically simple and relatively low-cost, it depends on dialogue and cooperation between these entities. Ultimately, it points toward a shift from traditional master planning to a more strategic approach, aimed at serving the common good..

ARCHI – The interventions on the riverfront were a process that had a decisive moment: Expo '98... It has triggered both good and bad things. But the truth is that, since then, the river has been more returned to the city:..

***PRG –** I often receive visitors from abroad and benefit from their external perspective. And, in fact, Expo '98 is remarkable for a number of reasons. One of them is the generosity of its public spaces, which resulted from the need to accommodate crowds of visitors during the event.*

ARCHI – Recently, the relationship with the river has flowed continuously from Parque das Nações to Vila Franca de Xira, in an ecological, sustainable project of landscape and environmental redevelopment and nature conservation, which has been highly praised and awarded...

***PRG –** The project presents a design that reflects the current situation and opportunities of the 21st century. However, one criticism that can and should be made of the Expo is that there were a number of connections to the neighbourhoods and the interior that, by consensus among the various stakeholders, were gradually abandoned. As a result, there is a certain feeling of a gated community.*

do século XXI. Mas, uma das críticas que se pode e deve fazer à Expo é que havia um conjunto de ligações aos bairros e ao interior que, de modo consensual entre os vários agentes, foram sendo abandonadas. Por isso, há uma certa sensação de condomínio fechado. Mas, na base, o projeto embora datado era bastante sensato.

ARCHI – Também de Santa Apolónia a Cascais muito foi acrescentado à história das novas intervenções e requalificações...

PRG – O Centro de Alto Rendimento do Jamor, na Cruz Quebrada, é notável. Já tenho lá levado especialistas de vários países que ficam muito impressionados com o engenho do desenho. A solução implementada adapta-se a cheias e marés extremas, o espaço transforma-se e adapta-se, é uma solução bem pensada.

ARCHI – Temos território, condições e capacidade para fazer bem, assim haja decisores à altura, capazes de dialogar e decidir bem...

PRG – Apesar de tudo, há uma evolução na direção que me parece mais acertada e contemporânea. É oportuno conhecer boas praticas noutros lugares. Nos países escandinavos há exemplos de bairros ribeirinhos ecológicos – ecodistrict –, nomeadamente Hammarby, em Estocolmo, e outros, em Malmo e Copenhaga, excecionalmente bem feitos, envolvendo as comunidades, dando as melhores respostas ambientais. Na China, por exemplo, um dos meus preferidos é o bairro de Yongqing Fang, em Cantão. No entanto, verifica-se que junto às melhores intervenções voltam a aparecer más práticas, por exemplo em Estocolmo, há uma intervenção recente onde construíram sete torres, bloqueando a luz, a ventilação, criando problemas de aterro, de inundações, agravando o efeito de ilha de calor. Fiquei boquiaberto, como é possível recuar para soluções ultrapassadas, usadas nos anos 1990, prejudicando o bem comum da comunidade e do ambiente. Ou seja, nem sempre a evolução segue uma direção positiva.

ARCHI – Há países mais expostos do que outros às alterações climáticas, à subida das águas, ao descontrolo da natureza. Os Países Baixos são um caso especial de estudo...

PRG – Vários especialistas holandeses participaram no último projeto de investigação que tive oportunidade de coordenar, um H2020 Marie Curie, financiado

But, fundamentally, although dated, the project was quite successful.

ARCHI – From Santa Apolónia to Cascais, much has been added to the history of new interventions and renovations...

***PRG –** The Jamor High Performance Centre in Cruz Quebrada is remarkable. I have taken specialists from various countries there, and they are very impressed with the sharpness of the design. The solution implemented adapts to extreme floods and tides, the space transforms and adapts, it is a well-thought-out solution.*

ARCHI – We have the territory, the conditions and the capacity to do well, so let there be decision-makers who are up to the task, capable of dialogue and good decision-making...

***PRG –** Despite everything, there is an evolution in the direction that seems to me to be more appropriate and contemporary. It is useful to learn about good practices elsewhere. In Scandinavian countries, there are examples of ecological riverside neighbourhoods – ecodistricts – notably Hammarby in Stockholm and others in Malmo and Copenhagen, which are exceptionally well done, involving the communities and providing the best environmental responses. In China, for example, one of my favourites is the Yongqing Fang neighbourhood in Guangzhou. However, it appears that alongside the best interventions, bad practices are reappearing. Critical perception is essential. In Stockholm after best practices clamed worldwide, there is a recent intervention, handed over to private investors, where seven towers were built, blocking light and ventilation, creating landfill and flooding problems, and aggravating the heat island effect. I was stunned. How is it possible to revert to outdated solutions used in the 1990s, harming the common good of the community and the environment? In other words, progress does not always follow a positive direction.*

ARCHI – Some countries are more exposed than others to climate change, rising sea levels and the uncontrolled forces of nature. The Netherlands is a special case study...

***PRG –** Several Dutch experts participated in the last research project I had the opportunity to coordinate, an H2020 Marie Curie project funded by the European*

pela Agência Europeia de Investigação. A discussão na Holanda divide-se entre duas ou três alternativas, o que nos daria material para toda uma outra entrevista. Em resumo, neste país, o sistema de controlo de níveis de água, capacidade de retirar as águas, em caso de tempestades e cheias, coloca-os num patamar de conhecimento do território que é diferente da nossa. Estão a criar extensas bacias de retenção, porque entendem que os sistemas atuais têm de ser reforçados com soluções mais naturais, e não mecânicas. Mas há outras cidades a construir bacias, estou-me a lembrar de Sacramento na Califórnia, onde estive recentemente com um grupo de U.C. Berkeley, com Matt Kondolf.

ARCHI – Há edifícios com enorme investimento que continuam a nascer à beira-rio/beira-mar, desafiando ou ignorando os riscos...

PRG – Está a pensar na Fundação Champalimaud?

ARCHI – Não só, mas também... podemos acrescentar outros, como o MAAT (Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia)...

PRG – Quando recebeu a encomenda da Fundação Champalimaud, o Charles Correa veio a Lisboa, trocámos ideias, leu o meu livro, falamos sobre a possibilidade de gerar uma nova topografia e de alterar o nível térreo. Em caso de maremoto, cheias ou outro fenómeno extremo, o edifício está desenhado para resistir. É com se diz agora, resiliente, adapta-se a eventos climáticos que afetem esta zona particularmente vulnerável.

A Amanda Levete, autora do MAAT, seguiu outra orientação. O edifício também redesenha a topografia, mas é vulnerável. Os bons exemplos no estuário do Tejo, para além dos que referi, foram edifícios construídos até aos anos 1960-70, que foram concebidos para acolher inundações. São edifícios anfíbios. O rés-do-chão está equipado com materiais impermeáveis e portanto preparados para a subida das águas. Não é por acaso, é um saber milenar... Estou a pensar no Panteão em Roma...

Em Lisboa, esse conhecimento perdeu-se ou ficou esquecido. Não é possível controlar o Oceano Atlântico, mas podem-se desenhar soluções adaptadas a fenómenos extremos.

Research Agency. The debate in the Netherlands is divided between two os three alternatives, which would give us material for a whole other interview. In short, in this country, the system for controlling water levels and the capacity to remove water in the event of storms and floods gives them a level of knowledge of the territory that is different from ours. They are creating extensive retention basins because they understand that current systems need to be reinforced with more natural, rather than mechanical, solutions. But there are other cities building basins, I am thinking of Sacramento in California, where I was recently with a group from U.C. Berkeley, with Matt Kondolf.

ARCHI – There are buildings with huge investments that continue to be built on the riverfront/seafront, defying or ignoring the risks...

PRG – *Are you thinking about the Champalimaud Foundation?*

ARCHI – Not only that, but also... we can add others, such as MAAT (Museum of Art, Architecture and Technology)...

PRG – *When Champalimaud Foundation made the commission, Charles Correa came to Lisbon, we exchanged ideas, he read my book, we talked about the possibility of creating a new topography and altering the ground floor. In the event of a tsunami, floods or other extreme phenomena, the building is designed to withstand them. It is, as they say now, resilient, adapting to climatic events that affect this particularly vulnerable area.*

Amanda Levete, designer of MAAT, took a different approach. The building also redesigns the topography, but it is vulnerable. The good examples in the Tagus estuary, apart from those I mentioned, were buildings constructed up until the 1960s and 1970s, which were designed to withstand flooding. They are amphibious buildings. The ground floor is equipped with waterproof materials and is therefore prepared for rising waters. This is in line with ancient knowledge... I am thinking of the Pantheon in Rome...

In Lisbon, this knowledge has been lost or forgotten. It is not possible to control the Atlantic Ocean, but solutions adapted to extreme phenomena can be designed. There is a pressing need to create resilient urban environments and buildings.

«Sinto-me abençoado por ter conhecido clientes absolutamente extraordinários e por ter tido colaboradores notáveis. Eu gosto de pessoas, de estar com elas, de as descobrir, e acho que a esse nível tenho tido sorte! (...) Os projetos são uma viagem, um pouco como a vida...»

«I feel blessed to have met absolutely extraordinary clients and to have had remarkable collaborators. I like people, being with them, discovering them, and I think I've been lucky in that regard! (...) Projects are a journey, a bit like life...»

Há necessidade de criar ambientes urbanos e edifícios resilientes. Veja-se o caso de HafenCity, em Hamburgo, onde subiram três metros e meio o nível térreo.

ARCHI – Apesar de tudo, a Europa lidera a sustentabilidade ambiental, com muitos países no topo dos *rankings* de bom desempenho... A União Europeia tem estabelecido metas ambiciosas... Há fenómenos climáticos extremos a varrer a todo o instante o planeta de forma aguda. Esta realidade devia contribuir para medidas e decisões mais céleres e adequadas.

PRG – A Europa tem feito um enorme esforço, mas como pratica a democracia, discute e pondera. Os chineses, como vivem num regime totalitário, onde não há discussão, ultrapassaram a Europa na implementação de estratégias ambientais. Tenho estado mais ligado aos países europeus com instituições parceiras do meu projeto de investigação H2020 ou seja Suécia, Itália, Polónia, Holanda e Grécia, onde há iniciativas inovadoras. Nesse contexto, editei recentemente o livro "Along the Waterfront: Cities in Europe Facing Climate Change", que foi recentemente lançado na Ordem dos Arquitectos.

ARCHI – Os Estados Unidos, que se têm afastado de acordos internacionais ambientais, é uma grande vítima das alterações climáticas... Mas, um cidadão médio americano emite quase três vezes mais CO_2 que a média global... Há uma cultura de autodestruição!...

PRG – Os Estados Unidos entraram num declínio acentuado. Apesar de ser um país espantoso, onde é possível fazer coisas extraordinárias, tenho mais interesse pelo Canadá onde participei em projetos de investigação e júris de projetos para

Take the case of HafenCity in Hamburg, where the ground floor level has been raised by three and a half metres.

ARCHI – Despite everything, Europe leads the way in environmental sustainability, with many countries at the top of the rankings for good performance... The European Union has set ambitious targets... Extreme weather events are constantly sweeping across the planet in an acute manner. This reality should contribute to faster and more appropriate measures and decisions.

PRG – *Europe has made an enormous effort, but as it practises democracy, it discusses and deliberates. The Chinese, living under a totalitarian regime where there is no discussion, have overtaken Europe in the implementation of environmental strategies. I have been more connected to European countries with partner institutions in my H2020 research project, namely Sweden, Italy, Poland, the Netherlands and Greece, where there are innovative initiatives. In this context, I recently edited the book 'Along the Waterfront: Cities in Europe Facing Climate Change', which was recently launched at the Association of Architects.*

ARCHI – The United States, which has distanced itself from international environmental agreements, is a major victim of climate change... But the average American citizen emits almost three times more CO_2 than the global average... There is a culture of self-destruction!

PRG – *The United States has entered a sharp decline. Although it is an amazing country where it is possible to do extraordinary things, I am more interested in Canada, where I have participated in research projects and*

a frente ribeirinha, com iniciativas de grande ambição apoiando projetos visionários. No Quebeque, coordenei a disciplina de construções e apostei na perspetiva ecológica. Começava o ano por apresentar aos meus alunos, gráficos com a sua pegada ecológica e emissões de CO_2 mostrando como estavam entre os mais elevados do mundo. Os canadianos, em geral, são pessoas que querem fazer o bem, de maneira que era um estímulo para produzir soluções competentes e inovadoras.

ARCHI – Há algum desafio particular que queira colocar ao futuro? Há algum tema, programa, uma outra escala que esteja por realizar? Talvez um projeto de arquitetura religiosa que desperte a espiritualidade...

PRG – No atelier, temos consciência que somos escultores da luz. Um cliente nosso em Joanesburgo procurou-nos porque lhe agradou sobretudo o tratamento que damos à luz.

O espaço religioso é por excelência, um espaço para trabalhar a mística da luz e transportar o espírito para outra dimensão.

Gostamos de fazer coisas bem feitas e que sejam culturalmente significativas, como o edifício que acolhe a obra do Weiner, o Hamman, a Câmara Sonora em Sagres e outras que estamos a desenhar. No atelier valorizamos mais a qualidade que a quantidade. Julgo que esse tem sido o nosso crivo.

Não cedemos quando consideramos que as condições são desfavoráveis. Não sei se isso demonstra uma certa liberdade...

Sinto-me abençoado por ter conhecido clientes absolutamente extraordinários e por ter tido colaboradores notáveis. Eu gosto de pessoas, de estar com elas, de as descobrir, e acho que a esse nível tenho tido sorte! As pessoas vêm com determinadas ideias e, através duma relação de confiança, os projetos ganham asas e levam-nos muito mais longe. Os projetos são uma viagem, um pouco como a vida.

ARCHI – Pois, mas nem todos viajam bem...

PRG – É, temos de estar atentos, muito atentos e sempre disponíveis para nova revisão crítica... Mas gostava de referir um convite que tivemos para fazer um projeto em Laos, liderado por um consórcio composto pela Câmara de Vientiane, o Governo, e um investidor internacional. Pediam um edifício emblemático/icónico situado no parque cultural ao longo do rio Mekong. Foi uma experiência muito interessante, assim como o contacto com aquela população, um dos países onde há maior concentração de monges no mundo, que tem um ambiente espiritual dominante. Com muita pena nossa, o consórcio desentendeu-se, o processo não avançou e excluímos o projeto desta publicação.

ARCHI – E a sua relação com o Ensino é um "amor para sempre"?

PRG – Eu comecei por ensinar em Berkeley, na Califórnia. Na altura foi uma descoberta incrível, uma paixão. Desde então ensinei em duas faculdades em Lisboa: Moderna e Lusófona. Conduzi cursos intensivos e *workshops* em vários países, na Europa, no Médio Oriente, na China, na Austrália, mais recentemente ensinei alguns anos no Quebeque, em Laval. Parto sempre do princípio que não tenho nada para ensinar, procurando apenas formular as questões pertinentes de maneira a ajudar cada estudante a pensar um pouco melhor. O ensino no ambiente cultural anglófono é diferente do francófono. É estimulante ensinar no ambiente cultural lusófono, que coloca questões distintas do ambiente árabe ou do chinês. A arquitetura tem uma componente tecnológica, construtiva e simultaneamente cultural. No ambiente académico também tive oportunidade de participar e coordenar vários projetos de investigação com parceiros internacionais. Atualmente, estou com um projeto de investigação, algo que continua na minha rotina. No ensino, partilha-se conhecimento, seja numa conversa individual, num auditório ou através de exposições. Apareceram muitos alunos na nossa exposição, realizada na galeria da Ordem dos Arquitectos que encerrou no final do ano. Trocavam ideias entre si, fotografavam e voltavam a trás para observar e tomar notas. Quando partilhamos projetos que são referências para os mais novos também ensinamos. O ensino é serviço, e é para mim a hipótese de dar, de passar testemunho às próximas gerações, de ajudar a fazer melhor. Sim, neste sentido o ensino é um “amor para sempre”.

project juries for the riverfront, with highly ambitious initiatives supporting visionary projects. In Quebec, I coordinated the construction discipline and focused on the ecological perspective. I began the year by presenting my students with graphs showing their ecological footprint and CO_2 emissions, demonstrating how they were among the highest in the world. Canadians, in general, are people who want to do good, so it was an incentive to produce competent and innovative solutions.

ARCHI – Is there any particular challenge you would like to set yourself for the future? Any theme, programme or another scale that yet to be achieved? Perhaps a religious architecture project that awakens spirituality:..

***PRG –** At the studio, we are aware that we are sculptors of light. A client of ours in Johannesburg sought us out because he particularly liked the way we treat light. Religious spaces are, par excellence, spaces for working with the mystique of light and transporting the spirit to another dimension.*

We like to do things well and that are culturally significant, such as the building that houses Weiner's work, the Hamman, the Sound Chamber in Sagres and others that we are designing. In the studio, we value quality over quantity. I think that has been our criterion.

We don't give in when we consider the conditions to be unfavourable. I don't know if that demonstrates a certain freedom...

I feel blessed to have met absolutely extraordinary clients and to have had remarkable collaborators. I like people, being with them, discovering them, and I think I've been lucky in that regard! People come with certain ideas and, through a relationship of trust, the projects take off and fly much further. Projects are a journey, a bit like life.

ARCHI – But not everyone travels well...

***PRG –** Yes, we have to be attentive, very attentive, and always open to new critical reviews... But I would like to mention an invitation we received to do a project in Laos, led by a consortium composed of the Vientiane City Council, the Government, and an international investor. They wanted an emblematic/iconic building located in the cultural park along the Mekong River. It was a very interesting experience, as was the contact with the local population, one of the countries with the highest concentration of monks in the world, which has a dominant spiritual atmosphere. Much to our regret, the consortium fell apart, the process did not go ahead, and we excluded the project from this publication.*

ARCHI – And is your relationship with teaching a ‘love forever’?

***PRG –** I started teaching at Berkeley, in California. At the time, it was an incredible discovery, a passion. Since then, I have taught at two universities in Lisbon: Moderna and Lusófona. I have led intensive courses and workshops in several countries, in Europe, the Middle East, China, Australia, and more recently I taught for a few years in Quebec, in Laval. I always start from the premise that I have nothing to teach, seeking only to formulate the relevant questions in order to help each student think a little better. Teaching in an English-speaking cultural environment is different from teaching in a French-speaking one. It is stimulating to teach in a Portuguese-speaking cultural environment, which raises different questions from the Arabic or Chinese environments. Architecture has a technological, constructive and, at the same time, cultural component. In the academic environment, I have also had the opportunity to participate in and coordinate several research projects with international partners. I am currently working on a research project, something that continues to be part of my routine. In teaching, knowledge is shared, whether in an individual conversation, in an auditorium or through exhibitions. Many students attended our exhibition, held in the gallery of the Chamber of Architects, which closed at the end of the year. They exchanged ideas with each other, took photographs and went back to observe and take notes. When we share projects that are references for younger people, we also teach. Teaching is a service, and for me it is an opportunity to give, to pass on my knowledge to future generations, to help them do better. Yes, in this sense, teaching is a ‘love forever’.*

RESSANO GARCIA ARQUITECTOS

Projetos

Projects

Luz

Light

- Casa em Serralves
- Casa nas Dunas
- Casa da Vigia
- Sobre o Rio

Ecologia

Ecology

- Eco Resort da Boavista
- Companhia das Culturas
- Entre Ruínas
- Transpiration
- Eco Contentor

Ligação

Connection

- Farm
- Symbiophilia
- Campus Lusófona
- Plataforma Tejo
- Terminal de Cruzeiros

Sentidos

Senses

- A Voz Do Mar
- Eremitério
- Lagoa Velha
- Fundação Sain
- Hammam

Luz

Light



Casa em Serralves

A variação da luz solar ao longo do ano é apresentada pela **iluminação** constante que traz uma atmosfera mística entrando suavemente no espaço doméstico.

*The variation of the sunlight throughout the year is presented by the constant **enlightenment** that brings a mystic atmosphere gently entering the domestic space.*

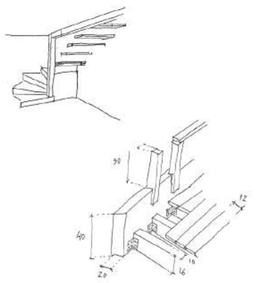




Casa nas Dunas

A intervenção transformou a cabana, de um espaço de arrumos de material de pesca, num refúgio para contemplar o oceano, pousar o **olhar** no deserto marítimo e voltar as costas ao movimento urbano.

*The intervention transformed the cabin, from a space for storing fishing equipment, into a refuge to contemplate the ocean, **gaze** at the maritime desert and turn one's back on urban movement.*

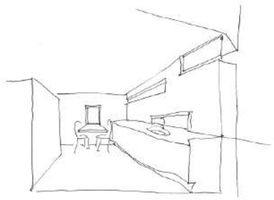




Casa da Vigia

As pequenas e secretas janelas na fachada, oferecem uma luz natural difusa e constante durante todo o ano. A **luz interna** cria um ambiente místico enquanto a intimidade dos espaços internos é protegida do mundo exterior.

*The little and secretive windows in the facade, offer a diffuse and constant **natural light** throughout the whole year. The light inside creates a mystic environment while the intimacy of the interior spaces is protected from the outside world.*

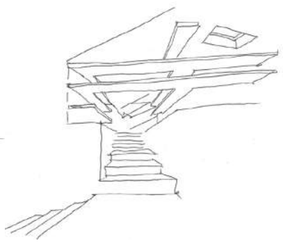




Sobre o Rio

A intervenção redesenhou a antítese do que antes existia: o projecto centra-se essencialmente na criação de espaços habitáveis, caracterizados pela **luz natural** para potenciar o conforto de habitar novos espaços.

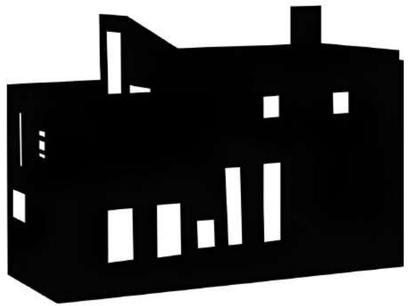
The intervention redesigned the antithesis of what previously existed: the project is mainly focused on creating liveable spaces, characterized by ***natural light*** to enhance the comfort of inhabiting new spaces.

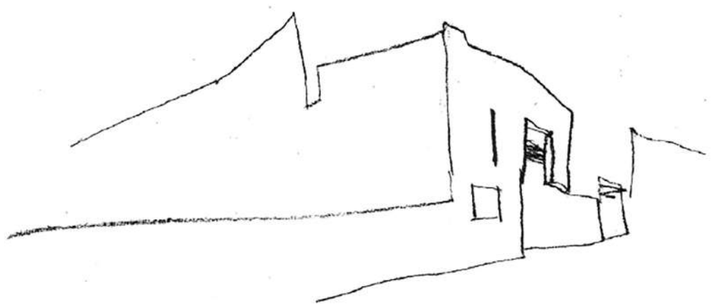


Casa em Serralves

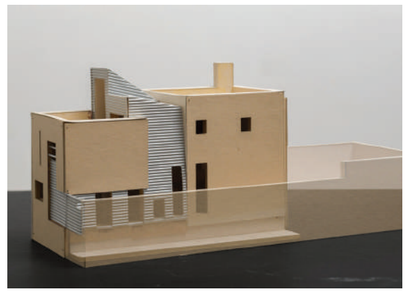
Portugal, Porto

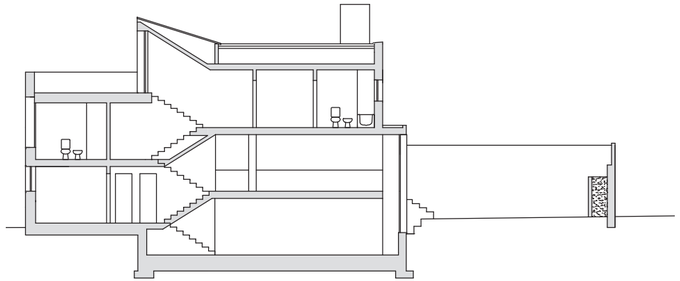
Luz light



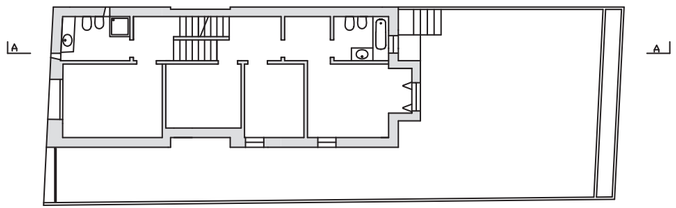


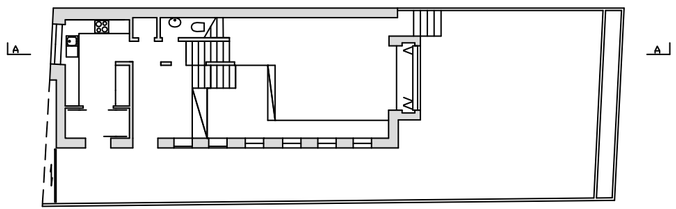
Esquisso *Sketch*





Corte A *Section A*





0.5m 1.5m

Plantas *Plans*













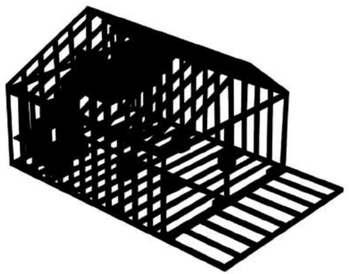




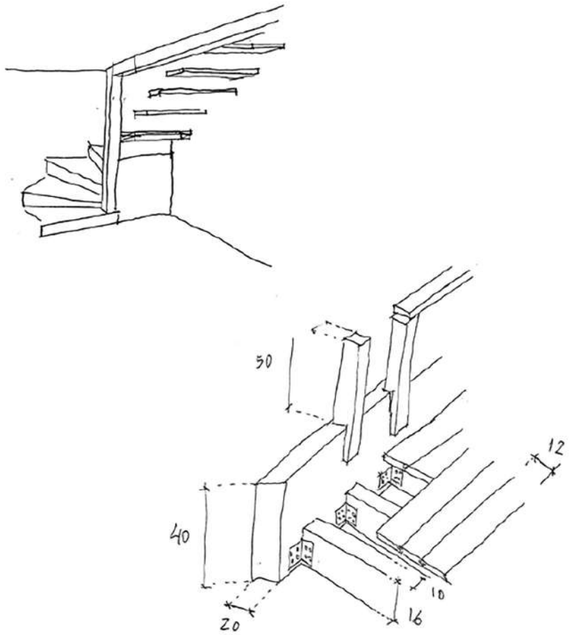
Casa nas Dunas

Portugal, Costa da Caparica

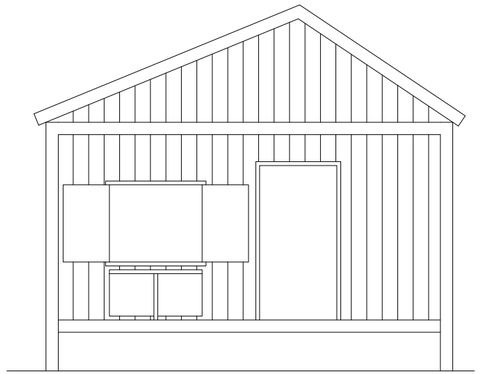
Luz light



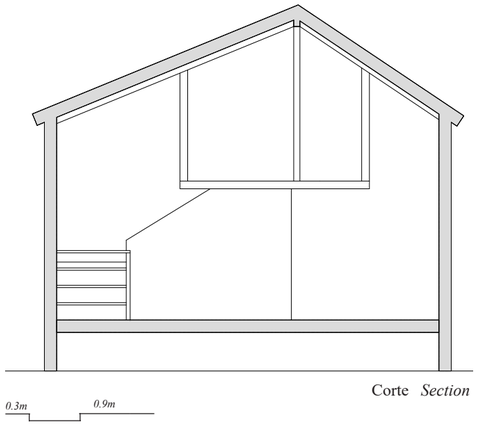




Esquisso *Sketch*



Alçado *Elevation*



Corte *Section*

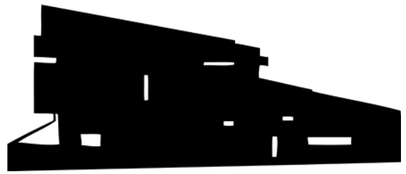


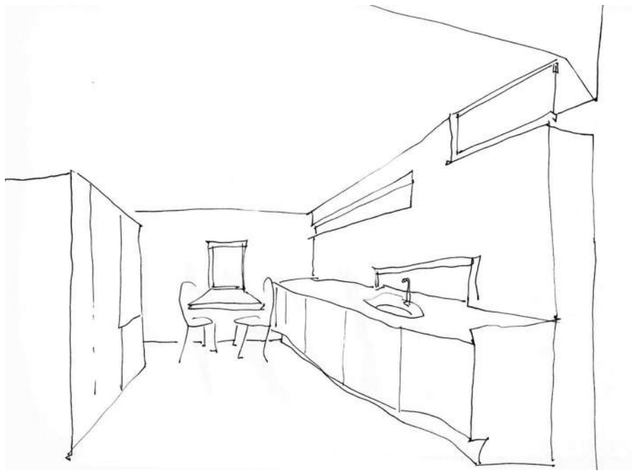


Casa da Vigia

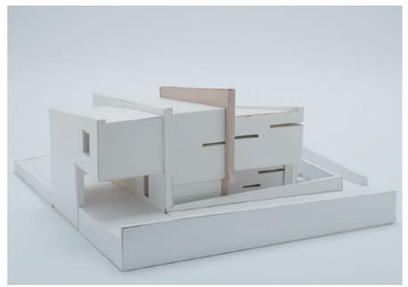
Portugal, Sintra

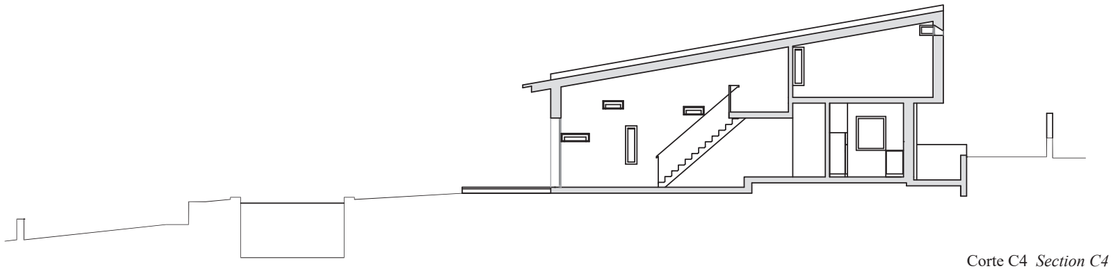
Luz light



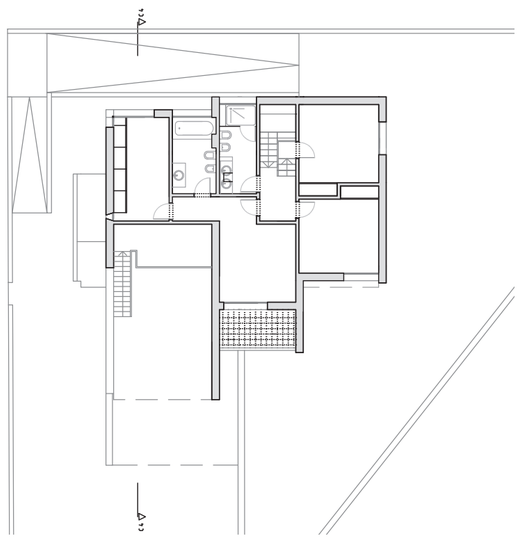


Esquisso *Sketch*

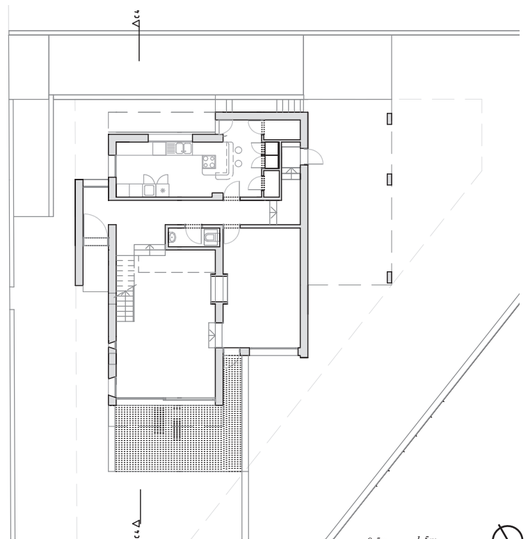




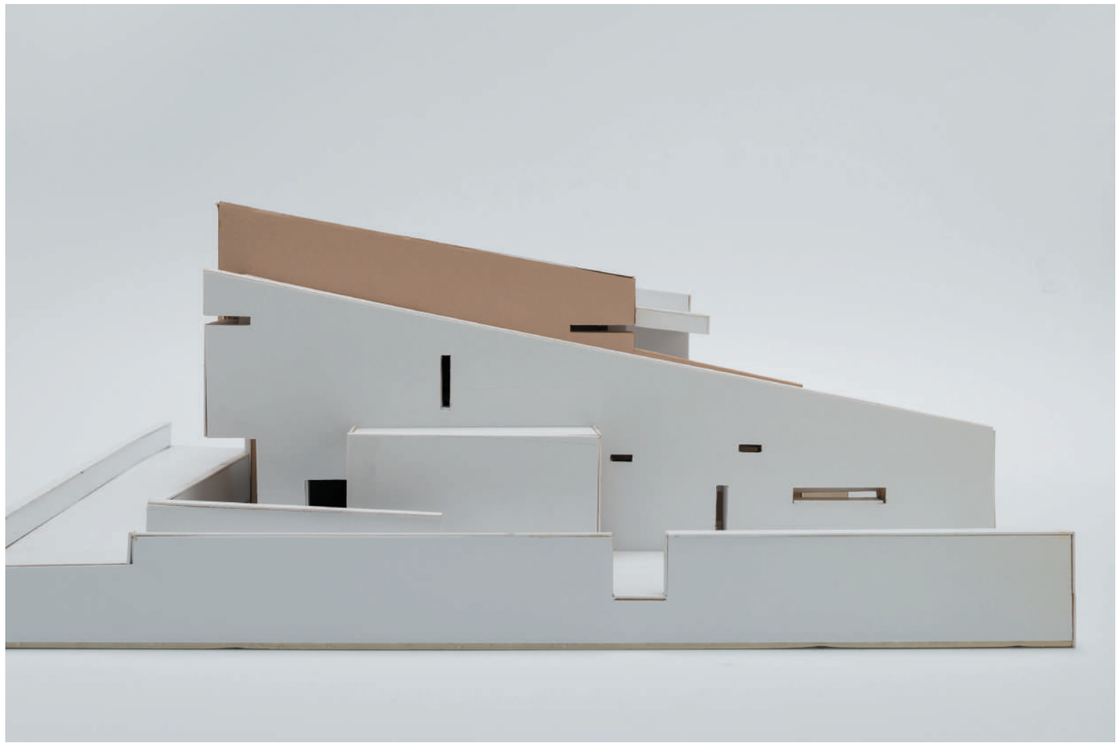
Corte C4 *Section C4*



Planta Piso 0 *Plan Groundfloor*



Planta Piso 1 *Plan 1st floor*









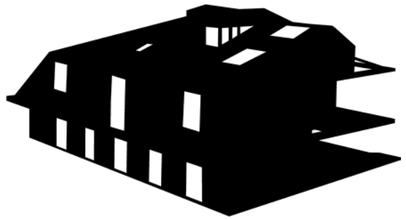


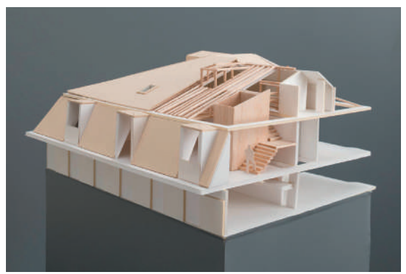


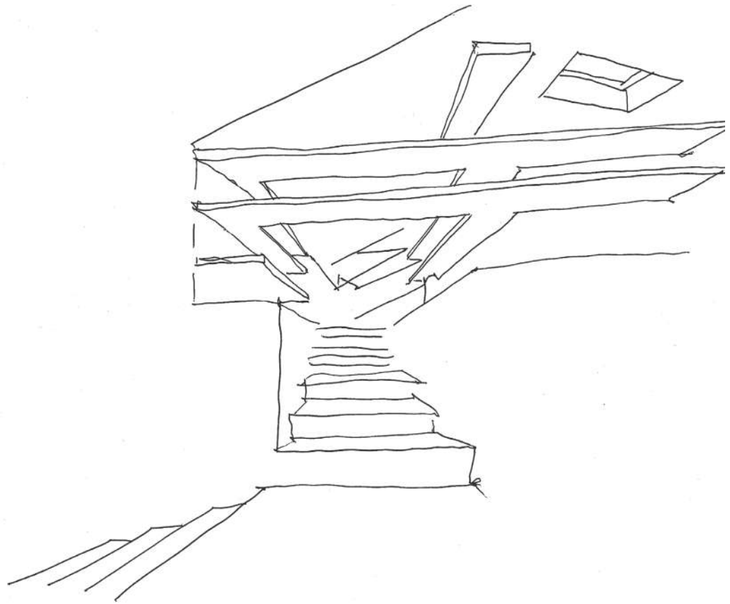
Sobre o Rio

Portugal, Campo das Cebolas

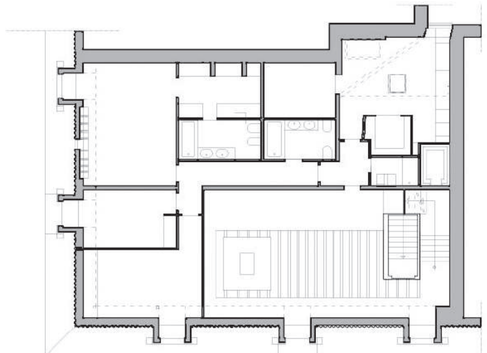
Luz *light*



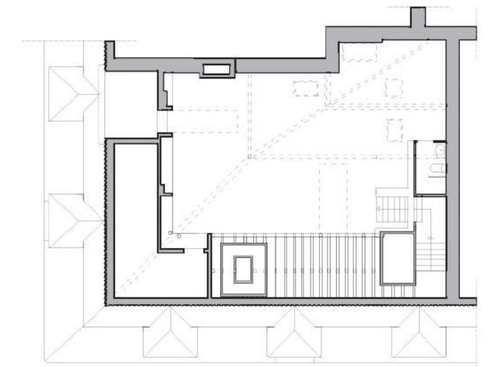




Esquisso *Sketch*



Planta piso 0 *Ground floor plan*

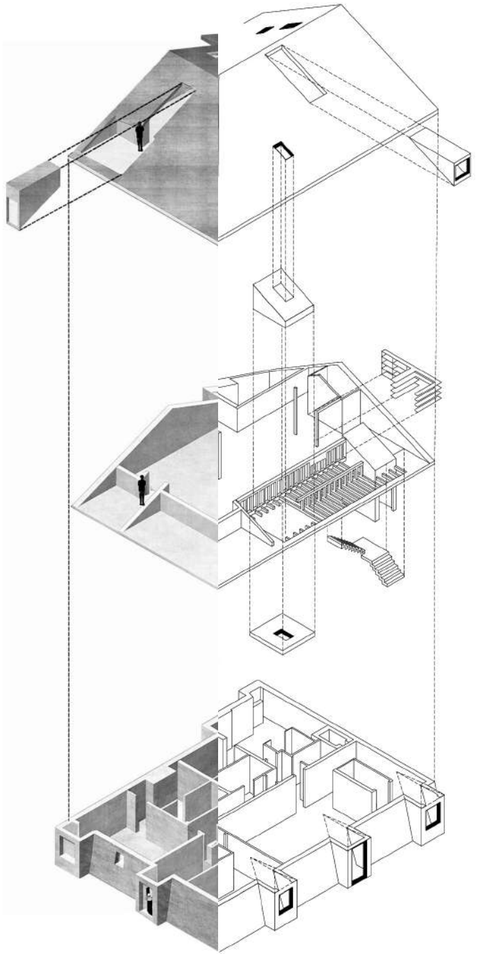


0.5m 1.5m

Planta piso 1 *1st floor plan*



Corte *Section*

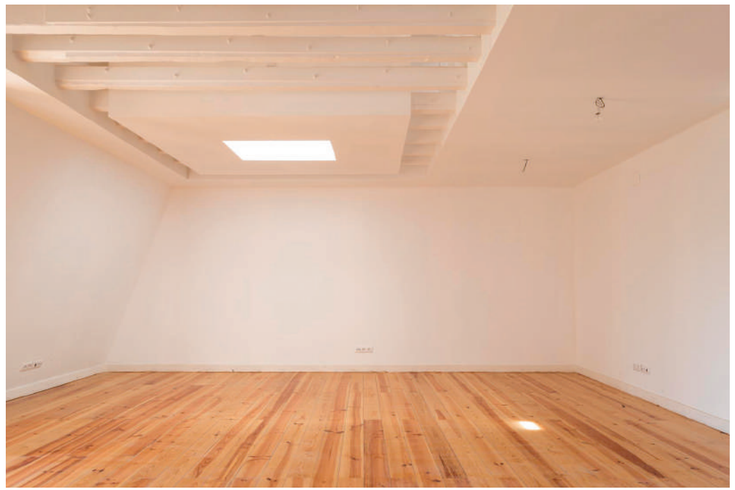


Axonometria explodia *Exploded Axonometric*





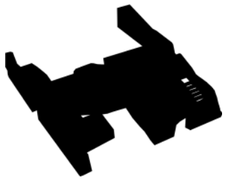
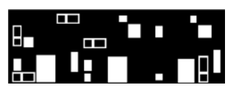
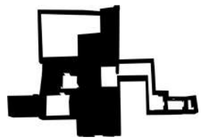
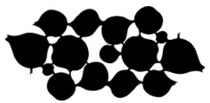






Ecologia

Ecology


Eco Resort da Boavista

O conceito procura "tornar o lugar visível", curioso e educado a "viver" cada recanto do território, permitindo-lhe descobrir o desconhecido, desfrutar das estações, conhecer a cultura local e a **natureza** que pode ser descoberto e apreciado em seus aspectos genuínos.

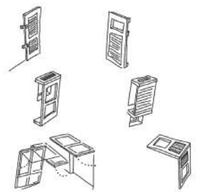
The concept seeks to "make the place visible", curious and educated user to "live" every corner of the territory, allowing him to discover the unknown, enjoy the seasons, get to know the local culture and ***nature*** *that can be discovered and appreciated in its genuine aspects.*



Companhia das Culturas

O caracter inovador do edifício exigiu a cooperação entre várias especialidades coordenadas pela arquitectura para implementar um conjunto de estratégias que permitiram **reduzir as emissões de CO2.**

To achieve a ***reduction of CO2 emissions****, local knowledge and high-tech solutions succeed in lowering environmental impact and energy efficiency through a symbiotic relationship between the architecture and the surrounding ecosystem.*



Entre Ruínas

Desde o primeiro momento, o projeto teve como objetivo valorizar as expressões da cultura local e utilizar tecnologia de ponta para atingir um elevado nível de **baixo consumo de energia.**

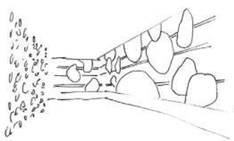
From the first moment, the project aimed to enhance expressions of local culture and use cutting-edge technology to achieve a high level of ***low energy consumption.***



Transpiration

A solução cria um sistema de vida orgânico que envolve um ambiente construído rígido. O projeto propõe um sistema no exterior do edifício, **autorregulador**, composto por grandes reservatórios de água contendo algas que filtram a água e o ar.

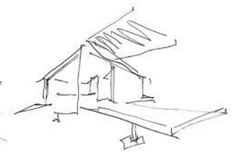
*The solution creates an organic living system within a rigid built environment. The project has an exterior s****elf-regulating*** *protective skin is comprised of large water reservoirs containing algae that filter water and air.*



Eco Contentor

Este projeto incorpora o espírito do design sustentável contemporâneo, que enfatiza a utilização de materiais naturais locais e **soluções inovadoras**.

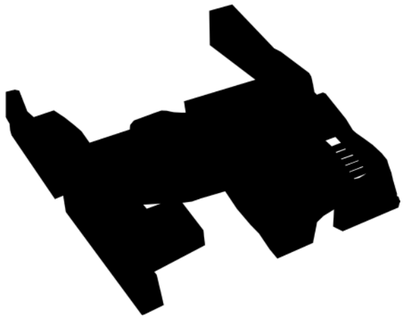
This project embodies te ethos of contemporary sustainable design, which emphasizes the use of natural local materials and ***innovative solutions.***



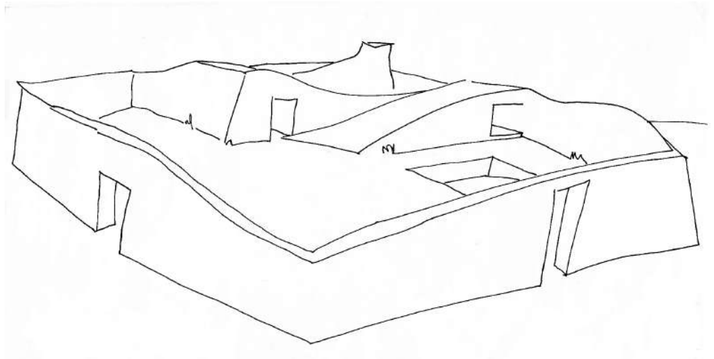
Eco Resort da Boavista

Portugal, Alcácer do Sal

Ecologia *Ecology*

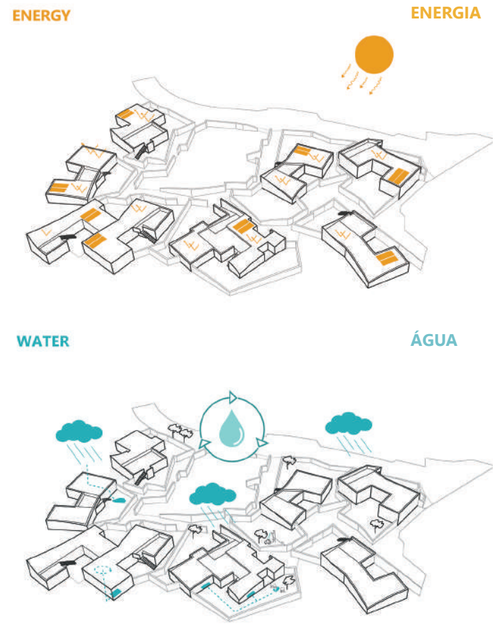


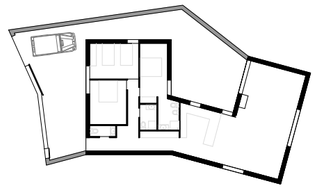




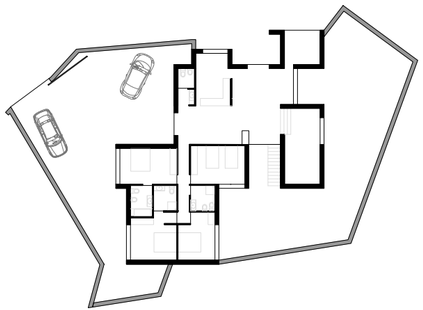
Esquisso *Sketch*



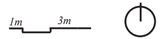




Planta Tipo T3A = 170 m2



Planta Tipo T4 = 200 m2



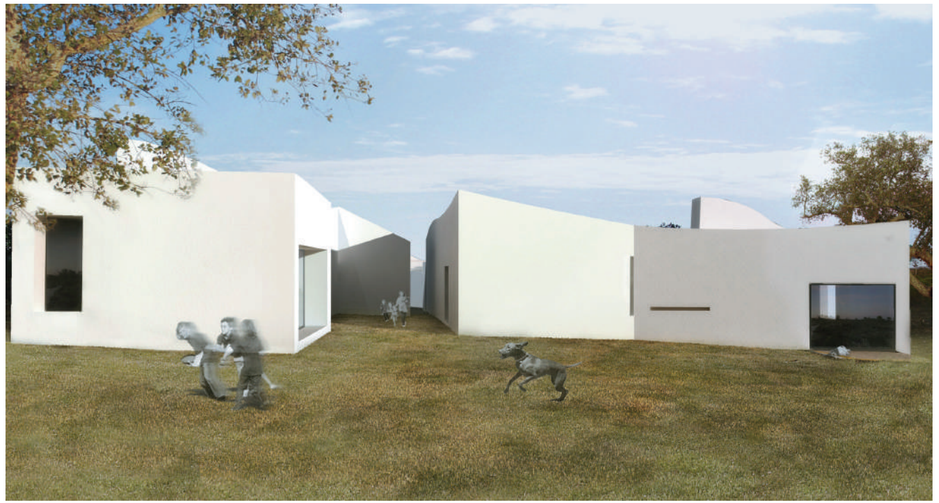
Tipologias de casas *House typologies*



Maqueta *Model*



Implantação *Site Plan*





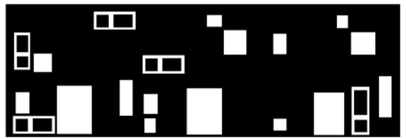


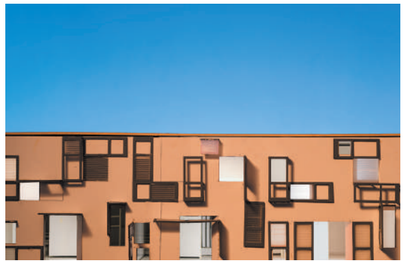


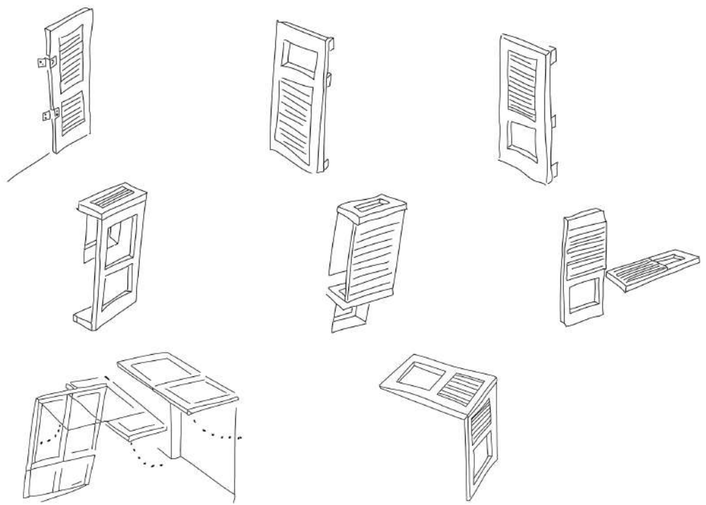
Companhia das Culturas

Portugal, São Bartolomeu

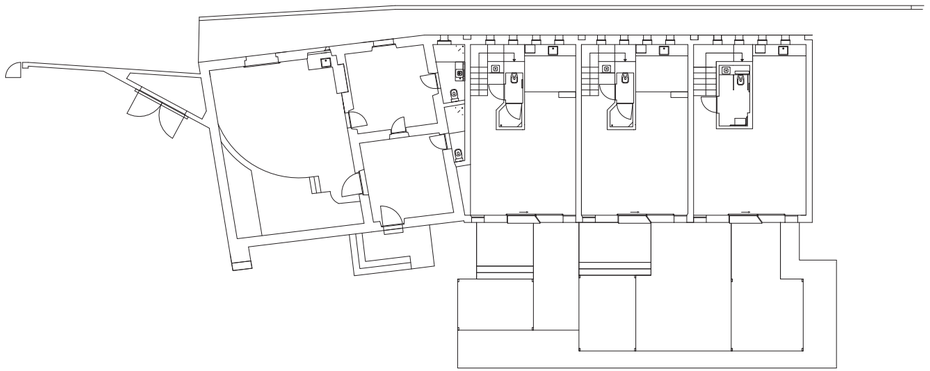
Ecologia *Ecology*



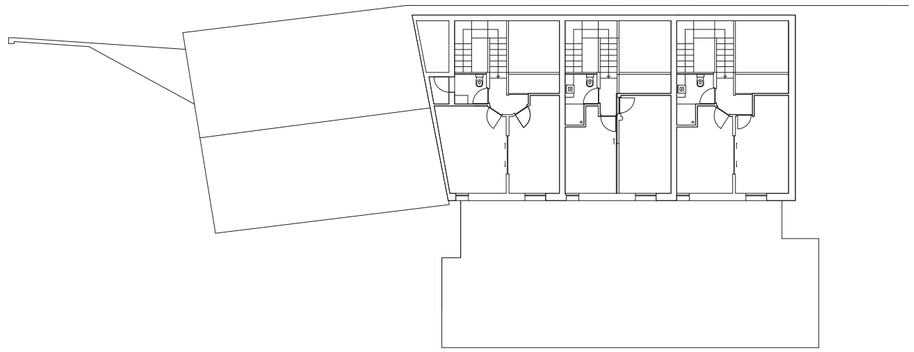




Esquisso *Sketch*



Planta Piso 0 *Ground floor plan*

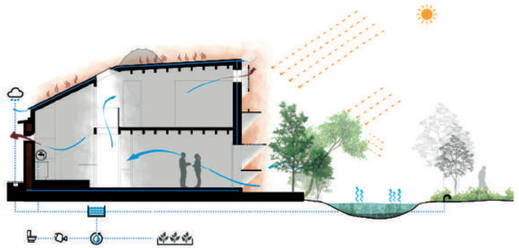


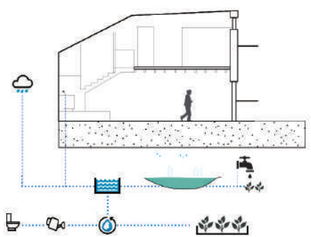
0.9m 2.7m

Planta Piso 1 *1st floor plan*



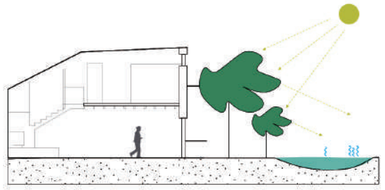






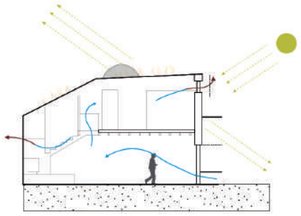
rainwater collection reuse of grey water

recolha de águas pluviais reutilização de águas cinzentas



integration into vegetation natural cooling

integração na vegetação refrigeração natural



passive solar energy cross ventilation

energia solar passiva ventilação cruzada

Diagramas *Diagrams*



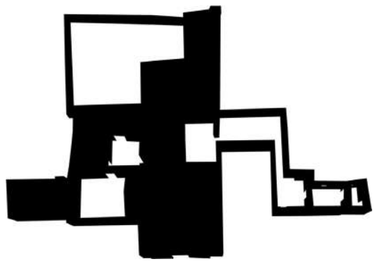


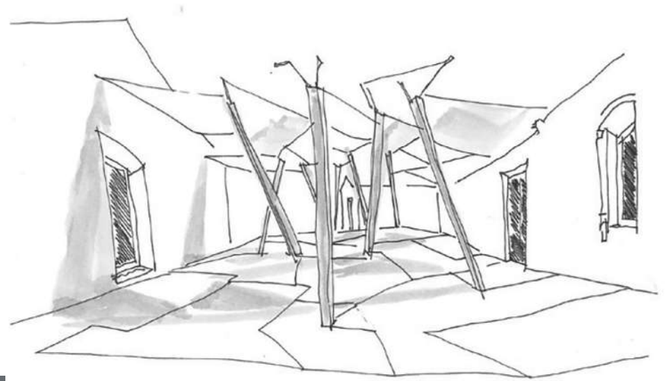


Entre Ruínas

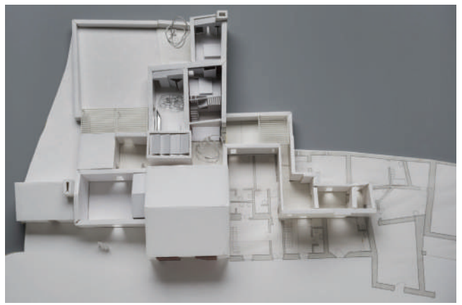
Portugal, São Bartolomeu

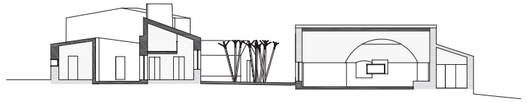
Ecologia *Ecology*



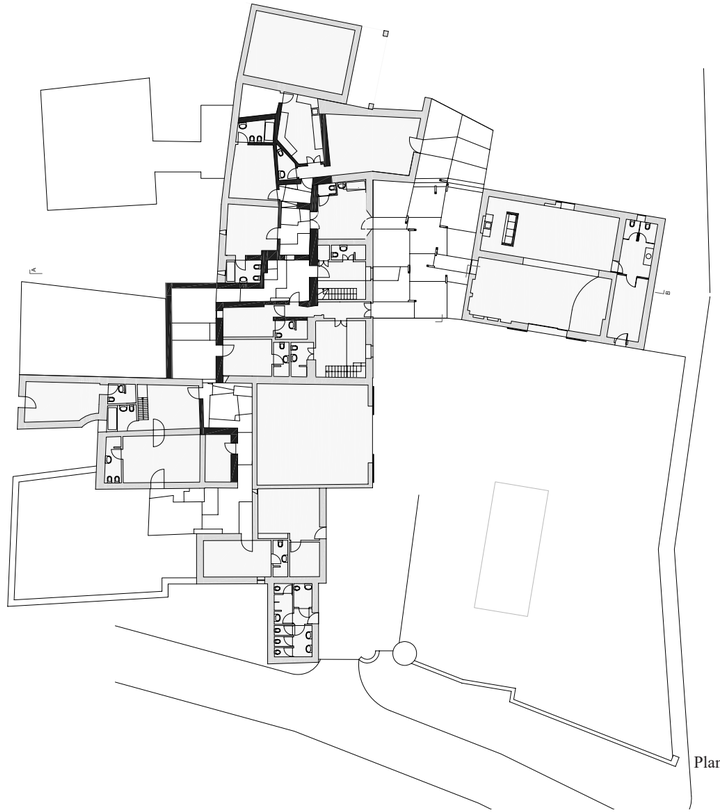


Esquisso *Sketch*





Corte *Section*



1,5m 4,5m

Planta piso 0 *Ground floor plan*















